

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**  
**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**Departamento de Psicologia**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**Melline Ortega Faggion**

**PSICOLOGIA E EUGENIA: percursos da história**

**Maringá**

**2018**

**Melline Ortega Faggion**

**PSICOLOGIA E EUGENIA: percursos da história**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lucia Boarini

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

**Maringá**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR, Brasil)

F154p Faggion, Melline Ortega  
Psicologia e eugenia: percursos da história /  
Melline Ortega Faggion. -- Maringá, PR, 2018.  
84 f.: il.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Boarini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Departamento de Psicologia, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, 2018.

1. Kehl, Renato Ferraz, 1889-1974. 2. Eugenia. 3.  
Psicologia - Brasil. I. Boarini, Maria, Lucia,  
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro  
de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de  
Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
III. Título.

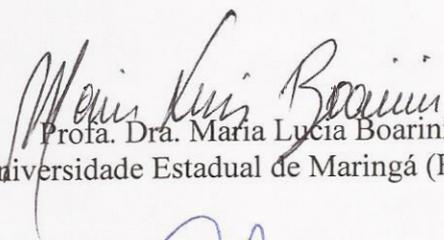
CDD 23.ed. 363.92

MELLINE ORTEGA FAGGION

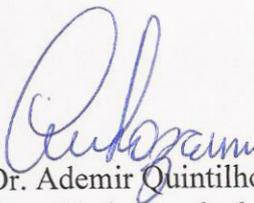
Psicologia e Eugenia: Percursos da História.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

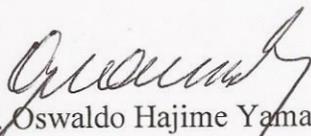
COMISSÃO JULGADORA



Profa. Dra. Maria Lucia Boarini  
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof. Dr. Ademir Quintilho Lazarini  
PPE/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Oswaldo Hajime Yamamoto  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Aprovado em: 02 de fevereiro de 2018.

Local da defesa: Bloco 118 – sala de vídeo, Campus da UEM.

“Diego não conhecia o mar.  
O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.  
Viajaram para o Sul.  
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas esperando.  
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois  
de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos.  
E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor,  
que o menino ficou mudo de beleza.  
E quando finalmente conseguiu falar,  
tremendo, gaguejando, pediu ao pai:  
- Me ajuda a olhar!”  
(Galeano, 2017, p. 15)

*Dedico este trabalho aos meus pais e à Maria Lucia, que me ajudaram a olhar.*

## AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer vincula-se a reconhecimento, ser grata a alguém por algo. Concluir um trabalho de mestrado é, sem dúvida, reconhecer aqueles que participaram da caminhada para a realização deste trabalho. As pessoas que estiveram comigo neste percurso notaram meu prazer pela pesquisa e pelo ato de escrever. Deixo a elas, portanto, meus agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que não pouparam esforços para que o mundo pudesse ser de fato, grande mundo para mim. Eles que, além da minha existência, ofereceram afeto e condições materiais para que eu pudesse me dedicar àquilo que hoje considero um dos meus maiores prazeres: estudar. Meus pais sempre demonstraram apoio e respeito pelas escolhas que fiz, com minha dedicação pela pesquisa também não foi diferente. Diante das dificuldades que perpassam a trajetória de um estudante, proporcionaram o possível – e até o impossível – para que eu continuasse caminhando em meus projetos. A cada passo dado, celebraram comigo. A vocês, muito obrigada.

Agradeço à minha avó Emília e ao meu irmão, que respeitam e acompanham minha caminhada.

Agradeço ao meu avô Raimundo, que materialmente não faz mais parte deste mundo, mas que deixou em mim um dos maiores aprendizados: valorizar a oportunidade de poder estudar.

Amigos tornam o caminhar da vida mais leve, e agradecê-los também faz parte deste momento. Alguns estiveram mais perto, outros mais longe, mas reconheço a participação de cada um para que eu pudesse, não só concluir este trabalho, mas para que eu pudesse seguir, caminhando, junto deles. Obrigada.

À Lorena, Marina, Ana Flávia, Mariana, Alan, Ana Eliza, Sandro, Natália, Barbara e Nany: pessoas com que eu escolhi dividir a vida e, ao fazê-la, me equilíbrio, dia após dia.

Agradeço ao Julio, pela doce amizade de longa data e pela revisão deste trabalho.

Ao Prof. Oswaldo Yamamoto e ao Prof. Ademir Lazarini, pelas valiosas contribuições à esta pesquisa, especificamente pela competência para tratar sobre questões referentes ao marxismo, muito obrigada.

Aos companheiros e companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e Eugenia (GEPHE), pela parceria em lutas que são de todos nós.

À CAPES, pelo apoio financeiro à pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

Por fim, faço uso deste espaço para escapar das formas tradicionais de agradecimento e assim tornar público meu carinho e eterno agradecimento à minha orientadora e companheira, Maria Lucia. Nessa trajetória de seis anos, Lucia plantou em mim o gosto pelo ato de conhecer. Durante todo esse tempo aprendi e continuo aprendendo o que é ter amor pelo que se faz, amor que ao mesmo tempo é fôlego para seguirmos adiante na luta por um mundo um pouco mais humano. Falar sobre mim e sobre minha caminhada é falar de Maria Lucia, da nossa relação amiga, da sua participação em minha vida desde os meus primeiros passos na pesquisa, do seu apoio em todas as minhas atividades e, principalmente, da sua amizade, que aqui não se encerra. Das poucas certezas que a vida me deu, uma delas é minha vontade de ser professora, e devo isso a você. Obrigada, minha amiga.

queremos saber  
o que vão fazer  
com as novas invenções  
queremos notícia mais séria  
sobre a descoberta da antimatéria  
e suas implicações  
na emancipação do homem  
das grandes populações  
homens pobres das cidades  
das estepes, dos sertões  
queremos saber  
queremos viver  
confiantes no futuro  
[...]  
pois se foi permitido ao homem  
tantas coisas conhecer  
é melhor que todos saibam  
o que pode acontecer

*(Queremos saber, Gilberto Gil, 1976)*

## RESUMO

Os saberes psicológicos permearam diversos campos antes de se consolidarem como ciência e profissão conforme a conhecemos hoje. A trajetória histórica desses saberes deve ser levada em conta ao falarmos sobre a história da psicologia no Brasil, especialmente sobre seu processo de constituição científica ao longo do século XX. Reconhecer as condições que possibilitaram à psicologia alcançar seu patamar científico é reconhecer sua adequação ao modelo de ciência moderna, atendendo aos requisitos de observação, experimentação, quantificação e comprovação de dados.

Dessa forma, a psicologia conquistou seu estatuto científico lançando mão de formas de atuação que viabilizavam o conhecimento e o “ajustamento” social do sujeito. Esse modo de conhecer o homem foi amplamente difundido como saber científico e constituiu-se como a psicologia da época. Sua propagação permitiu, então, que o grupo de intelectuais adeptos da eugenia se apropriasse dos princípios e conhecimentos de psicologia.

Os defensores do ideário da eugenia apregoavam o aperfeiçoamento físico, psíquico e moral dos homens. Esse conjunto de ideias ganhou destaque a partir dos estudos de Francis Galton (1822-1911) na Inglaterra e, em seguida, se espalhou para vários países do mundo, incluindo o Brasil. A repercussão de tais ideias no Brasil ocorreu especialmente nas primeiras décadas do século XX e coincidiu com o avanço e organização científica dos saberes psicológicos, o que nos possibilita pensar em convergências entre o campo da eugenia e da psicologia. Pensando nisso, delimitamos como objetivo desta pesquisa a análise de duas produções de Renato Kehl (1889-1974), um dos principais propagandistas da eugenia no Brasil. Nossa proposta se concentra na investigação das discussões de Kehl sobre formação da personalidade durante o período de 1918 a 1945.

Realizamos uma pesquisa de natureza bibliográfica e conceitual, inspirada nos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico. Adotamos como referência para nosso estudo a obra *Tipos Vulgares* (Kehl, 1927) e *Psicologia da Personalidade* (Kehl, 1941). Investigamos qual era a perspectiva do autor sobre a formação da personalidade nessas obras, e de que forma a temática da psicologia as percorria. Kehl esteve em contato com os saberes psicológicos que se embasavam nos princípios positivistas, e tais princípios orientavam o modo de investigação dos fenômenos psicológicos, caracterizados como a psicologia em voga na época. A partir da análise das obras de Kehl foi possível tecer considerações acerca da compreensão do autor sobre o processo de constituição humana, bem como constatar que no campo de estudos da história da psicologia existe uma lacuna que

permite sua correlação com a eugenia, o que assevera a necessidade de investigarmos esta questão em maior detalhe.

Acreditamos que o estudo das ideias de um dos apoiadores e divulgadores do ideário da eugenia pode nos ajudar a contar um dos capítulos que compõe a história da psicologia e, ao mesmo tempo, oferecer ao psicólogo elementos para uma formação crítica.

Palavras-chave: Eugenia. Psicologia. Personalidade. História da Psicologia no Brasil. Renato Kehl.

## ABSTRACT

The psychological knowledge has permeated many fields before consolidating itself as a science and a profession as we know it today. The historical trajectory of this knowledge must be taken into account as we talk about the History of Psychology in Brazil, especially about its process of scientific constitution throughout the 20<sup>th</sup> century. To recognize the conditions that allowed Psychology to reach its scientific status is to recognize its adequacy to the model of modern science, attending to the requirements of observation, experimentation, quantification and data verification.

Thus, Psychology accomplished its scientific status by actions that allowed the knowledge and the social "adjustment" of the subject. This form of learning about men was widely diffused as a scientific knowledge and constituted itself as the Psychology of its period. Its spread allowed, then, that Eugenics supporting scientists would appropriate themselves of the principles and of the knowledge within Psychology.

The defenders of the Eugenics' ideal preached the physical, psychic and moral perfecting of men. This set of ideas stood out by the studies of Francis Galton (1822-1911), in England, and after that, spread to other countries of the world, including Brazil. The repercussion of such ideas in Brazil occurred specially in the first decades of the 20<sup>th</sup> century, and coincided with the advance and scientific organization of the psychological knowledge, which allows us to think of points of convergence between the fields of Eugenics and Psychology. Due to this convergence, we limited this research's goal to analyze two works of Renato Kehl (1889-1974), one of the main Eugenics' propagandists in Brazil. Our proposal focuses in the investigation of Kehl's discussions on personality formation from 1918 to 1945.

We performed a bibliographic and conceptual research, inspired by the theoretical-methodological assumptions of Historical Materialism. As reference to our study, we adopted the works *Tipos Vulgares* (Kehl, 1927) and *Psicologia da Personalidade* (Kehl 1941). We investigated what was the author's perspective about the formation of personality in these works and how the thematic of Psychology permeated it. We claim that Kehl was in contact with the psychological knowledge based on positivist principles, and such principles guided the form of investigation of psychological phenomena and were characterized as the psychology in evidence at the time. From the analysis of Kehl's works it was possible to make considerations about the author's understanding of the process of human constitution, as well as to verify that on the studies of History of Psychology there is a gap which allows its correlation to Eugenics, a fact that asserts the need of further investigation about this question.

We believe that the study of ideas of one of the supporters and diffusers of Eugenics' ideas can help us tell one of the chapters that composes the History of Psychology and, at the same time, to offer the psychologist elements to a critical formation.

Keywords: *Eugenics*. Psychology. Personality. History of Psychology in Brazil. Renato Kehl.

## SUMÁRIO

<b>A DISCUSSÃO SOBRE EUGENIA NO CAMPO DE ESTUDOS EM PSICOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – O HISTÓRICO DA EUGENIA: CONHECENDO O PERCURSO DESSE IDEÁRIO.....</b>	<b>22</b>
<b>1.1. A eugenia no mundo grego.....</b>	<b>22</b>
<b>1.2. O (re)surgir da eugenia no século XX.....</b>	<b>25</b>
<b>1.3. O movimento eugênico nos países ibéricos e no Brasil.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO II – UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE NA OBRA DE RENATO KEHL.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1. A obra <i>Tipos Vulgares</i>.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2. A obra <i>Psicologia da Personalidade</i>.....</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO III – AS REFLEXÕES DE RENATO KEHL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A HISTÓRIA SOCIAL DA PSICOLOGIA .....</b>	<b>59</b>
<b>3.1. Radicalidades e correlações com a psicologia na trajetória de Kehl.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2. A psicanálise e psicologia na obra de Kehl .....</b>	<b>69</b>
<b>3.3. Apontamentos sobre personalidade: a perspectiva histórica.....</b>	<b>72</b>
<b>HISTÓRIA DA PSICOLOGIA OU PSICOLOGIA NA HISTÓRIA? COMO CONTAR ESTE PERCURSO .....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

## A DISCUSSÃO SOBRE EUGENIA NO CAMPO DE ESTUDOS EM PSICOLOGIA

Inúmeros são os temas estudados em psicologia, e um deles diz respeito às influências e apropriações que essa ciência sofreu ao longo de seu percurso histórico tanto em âmbito científico nacional quanto internacional. Sabemos que o capítulo referente à história da psicologia no Brasil recebe pouca atenção em nossa formação acadêmica como psicólogos, o que faz com que o estudo histórico da psicologia apresente lacunas cuja investigação é indispensável.

No que tange ao percurso da psicologia no Brasil, é notável a contribuição dos profissionais da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), criada no ano de 1923 na cidade do Rio de Janeiro, a partir da iniciativa do psiquiatra Gustavo Riedel (1887-1934). De acordo com o estatuto de 1923, o objetivo da Liga era melhorar progressivamente o cuidado e a assistência dos “doentes nervosos ou mentais”. Havia também a proposta de “realização de um programa de Higiene Mental e Eugenética<sup>1</sup> no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social” e “promover a realização de Congressos de Higiene Mental e Eugenética.” (Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, 1925). No ano de 1928, a Liga Paulista de Higiene Mental, associada à LBHM, acrescentou oficialmente em seu estatuto a propagação do ideário da *eugenia*. (Arquivos Paulistas de Higiene Mental, 1928). Em uma edição dos Arquivos da LBHM, o médico Mirandolino Caldas (1929) afirma que

Ao iniciarmos essa longa jornada de regeneração social, conhecíamos perfeitamente os rodeios difíceis do caminho, sabíamos das trincheiras inúmeras e odientas que seríamos obrigados a transpor, antes de atingirmos o acume das nossas aspirações eugênicas. (p. 57)

Os fatos acima nos mostram a convergência entre o ideário da higiene mental e da eugenia. As iniciativas desses profissionais reverberaram no campo da psicologia e contribuíram para a divulgação e expansão dessa visão de ciência no Brasil. O estudo de Figueira e Boarini (2014) demonstra a influência da LBHM na expansão da psicologia científica no país e como os saberes psicológicos tiveram papel relevante na difusão do ideário da higiene mental. As autoras se basearam nos estudos de três integrantes da Liga, Manoel Bomfim (1868-1932), Plínio Olinto (1886-1956) e Maurício de Medeiros (1885-1966). Lembremos também que o desenvolvimento da psicométrie no Brasil também contou com a participação dos médicos higienistas, conforme afirma Wanderbroock Junior (2009) e

---

<sup>1</sup> Atualmente o termo eugenética está relacionado à engenharia genética e molecular, enquanto antigamente esse termo fazia referência à ideia de eugenia e a perspectiva de “melhoramento da raça”.

que a Clínica de Eufrenia<sup>2</sup> – criada para a realização da psico-higiene das crianças – possibilitou a inserção da psicologia no campo da saúde e da educação por meio da profilaxia mental infantil. (Borges & Boarini, 2014). De maneira geral, as discussões dos integrantes da Liga sobre higiene mental e sobre eugenia repercutiram nos estudos e na consolidação da ciência psicológica no Brasil, embora essa seja uma história que pouco nos é contada e cuja relevância estamos por conhecer<sup>3</sup>.

Nosso contato com o tema da eugenia ocorreu mediante a participação como membro integrante do *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Higienismo e Eugenia* (GEPHE), cuja proposta central é pesquisar a respeito do ideário da higiene mental e da eugenia. Isso nos levou à realização de pesquisas de iniciação científica ao longo da graduação sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lucia Boarini. A partir de dessas atividades foi possível dar início ao estudo da eugenia, sua repercussão, os projetos políticos e os discursos desse ideário<sup>4</sup>. Assim, caracterizamos este trabalho como fruto de nossa trajetória de pesquisas sobre eugenia e do nosso interesse em dar continuidade a estudos vinculados a essa temática, especialmente na relação entre eugenia e psicologia. Considerando a diversidade de assuntos no campo da psicologia e da eugenia, estabelecemos um recorte temático que abrangesse esses dois campos de conhecimento.

Assim, delimitamos a *personalidade* como objeto de estudo desta investigação, e, como objetivo desta pesquisa, *investigar as discussões sobre formação da personalidade para Renato Kehl (1889-1974)<sup>5</sup> no período de 1918 a 1945*. A escolha desse período foi pautada no fortalecimento do ideário da eugenia após o término da Primeira Guerra Mundial e seu “esquecimento” ao final da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>2</sup> Ciência da boa “cerebração”, da boa atividade psíquica.

<sup>3</sup> Ainda sobre a repercussão da eugenia e da higiene mental, apontamos o estudo de Bolonheis-Ramos e Boarini, (2015) sobre a mobilização da LBHM no início do século XX no enfrentamento das questões referentes ao uso de álcool e outras substâncias psicoativas, bem como o estudo de Feitosa e Boarini (2014) sobre a influência do aspecto higienista em sentenças judiciais para adolescentes.

<sup>4</sup> Destacamos os trabalhos realizados por nós e que contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação: a) O estudo do caráter educativo e eugênico da Política Pública de Planejamento Familiar, regulamentada pela Lei nº 9.263 (Brasil, 1996). Por meio desse estudo constatamos que, no imaginário social, a função exercida por tal política pública aproxima-se ao ideário da eugenia, especialmente às propostas de modelo de família apregoado pelos eugenistas. (Faggion & Boarini, 2015) b) A pesquisa sobre a aproximação entre o ideário da eugenia e as práticas contemporâneas de melhoramento genético e reprodução assistida. (Faggion, 2014) c) O estudo das ideias eugênicas na Espanha e em Portugal e as influências dessas discussões no movimento eugênico brasileiro. (Faggion, 2013)

<sup>5</sup> Segundo Carvalho (2016), Renato Ferraz Kehl nasceu na cidade de Limeira, no Estado de São Paulo. Sua primeira formação foi em farmácia, no ano de 1909, e depois em medicina, em 1915. Durante sua formação em medicina, Kehl entrou em contato com a literatura de Galton, posteriormente se tornando o principal propagandista das ideias eugênicas no Brasil.

Os estudos anteriores sobre eugenia nos permitiram adentrar na seara de discussões dos intelectuais que defendiam o melhoramento da “raça”. Com isso, verificaremos a abrangência de tal ideário e a consistência dos temas investigados. Notamos que o sujeito, bem como os processos que envolvem sua constituição, eram pautas centrais no campo da eugenia. Sob essa ótica, pensava-se em formas de avaliar e “melhorar” o desenvolvimento humano e conseqüentemente das futuras gerações. Assim, os conhecimentos que pudessem endossar e colaborar com os debates acerca da constituição do sujeito eram apropriados pelos eugenistas.

Os saberes psicológicos que circulavam no Brasil no início do século XX estavam presentes em meio a tais debates, o que nos levou a questionar se havia por parte dos intelectuais – no nosso caso, por parte de Renato Kehl – uma apropriação de tais saberes para legitimar os discursos em defesa da eugenia, ou, se havia discussões sobre uma forma *adequada* de se fazer psicologia. Em caso afirmativo deste último questionamento, deveríamos investigar, então, de que maneira os eugenistas propunham essa *nova* psicologia. Questionamentos como esses deram o pontapé inicial para o desenvolvimento da hipótese de investigação aqui apresentada.

Antes, porém, apresentaremos algumas considerações a respeito do ideário da eugenia. O termo eugenia foi cunhado pelo inglês Francis Galton (1822-1911) no ano de 1883 e teve como princípio o melhoramento moral, físico e psíquico da “raça” humana e das futuras gerações. Os princípios desse ideário remontam ao período da Grécia Antiga, resguardadas suas diferenças. É importante lembrar que a ideia de raça historicamente esteve vinculada à superioridade entre grupos humanos. Pena (2008) afirma que existem inúmeros debates acerca da não-existência de raças humanas, o que tornaria inviável a utilização de tal termo. O conceito de raça, além de uma definição biológica, recebeu também uma interpretação social “[...] cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado [...]” (Schwarcz, 2005, p. 17). Ao longo desta dissertação, recorreremos diversas vezes a este termo, tendo em vista a concepção dos eugenistas sobre raça; isto é, a partir da noção de *superioridade entre grupos sociais*. Embora consideremos as controvérsias a respeito desse assunto, optamos por manter a utilização do termo, entre aspas, a fim de fazer referência à ideia de raça tal qual propunham os eugenistas, e com o intuito de sinalizar que tal designação não é de nossa autoria.

As discussões científicas sobre aperfeiçoamento da “raça” ganharam destaque a partir dos estudos de Galton (1883), que foi influenciado pela teoria da evolução da espécie de

Charles Darwin (1809-1882), e que fez com que tal ideário fosse entendido como *darwinismo social*<sup>6</sup>. De acordo com Renato Ferraz Kehl (1889-1974), as proposições teóricas de Darwin resultaram um “novo pensamento científico”, e fizeram com que as ciências sociais encontrassem raízes nas ciências naturais. Dessa forma os estudos de Darwin possibilitaram a fundamentação da “ciência do melhoramento racional da espécie”, que, por sua vez, garantiram a “restrição da proliferação indesejável”. O ideário da eugenia teve sua sistematização e organização científica na Inglaterra no final do século XIX, e ganhou terreno em países da Europa e em outros países do mundo, incluindo o Brasil. A repercussão do ideário da eugenia fez com que diversos estudiosos<sup>7</sup> defendessem uma sociedade com indivíduos geneticamente saudáveis e, por conta disso, esses estudiosos se dedicaram à investigação e campanhas em prol da eugenia. Sobre essa questão, Kehl (1929) afirma que

A eugenia tem por fim cooperar para o aumento progressivo dos homens, física, psíquica e moralmente sadios; para a diminuição paulatina do contingente dos fracos, doentes e degenerados<sup>8</sup>, - concorrendo desse modo, para a constituição de uma *sociedade* mais sã, mais moralizada, em suma, uma *humanidade* equilibrada, composta de indivíduos fortes e belos, elementos de paz e de trabalho. (p. 1)

Para os estudiosos e adeptos dessa temática, os fenômenos sociais poderiam ser compreendidos e explicados sob a perspectiva biológica e positivista, isto é, sob um viés padronizado, genético e passível de ser controlado socialmente. Huertas (1929) explica que a eugenia é uma *ciência* e uma *arte*: uma *arte* em razão das suas aplicações, e uma *ciência* devido aos seus meios científicos de estudos e de comprovação. Huertas afirma ainda que a eugenia é uma ciência tal como postula o modelo positivista, isto é, com métodos bem estabelecidos, tal como a experimentação biológica, possível de ser realizada nos animais e nas plantas, enquanto a observação estatística poderia ser aplicada diretamente em seres humanos. A importância de ter bases científicas sólidas e mensuráveis era uma preocupação presente tanto nos meios científicos da época e quanto para os eugenistas. Por essa razão acreditava-se na possibilidade de padronização e adaptação dos indivíduos à sociedade.

---

<sup>6</sup> De acordo com Schwarcz (2005), as teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o darwinismo social se difundem no Brasil a partir dos anos 70 do século XIX. “Era a partir da ciência que se reconheciam as diferenças e se determinavam inferioridades.” (p. 28). Além disso, Stepan (2005) explica que o darwinismo que chegou à América Latina nos anos finais do século XIX se distanciou das ideias de Darwin, convertendo-se em um darwinismo social e fornecendo aos cientistas subsídios para análise do povo latino-americano.

<sup>7</sup> Esses intelectuais são referenciados pela literatura como “eugenistas”.

<sup>8</sup> O termo *degenerado* se refere à degeneração. Segundo Kehl (1957) a degeneração pode ser entendida como a modificação ou perda de caracteres genéticos.

Martins (1940) também defendia que as ideias eugênicas possuíam fundamento e potencial no que tange à garantia de um futuro “promissor” das gerações futuras. Confiantes disso, os eugenistas não mediram esforços em prol da propagação e consolidação de um projeto de melhoria da nação. Como prova dessa convicção, houve a realização de estudos, publicações, campanhas eugênicas e congressos, como por exemplo, o *Primeiro Congresso de Eugenia*, de 1912, em Londres, o *Segundo Congresso* em 1922 em Nova Iorque e o *Terceiro Congresso* no Brasil, no ano de 1929. Além disso, sociedades e institutos eugênicos foram criados em vários países<sup>9</sup>. No Brasil, ressaltamos a *Sociedade Eugênica de São Paulo*, criada em 15 de janeiro de 1918, e a publicação do *Boletim da Eugenia*, no período de 1929 a 1933. Estas, dentre outras iniciativas, comprovam a abrangência do movimento da eugenia em vários países do mundo e no Brasil, bem como o comprometimento de veicular tais ideias<sup>10</sup>.

Em razão da ressonância histórica da eugenia, é possível verificar a variedade de estudos sobre esse tema em diferentes áreas de conhecimento. Nesse sentido, realizamos um levantamento não exaustivo, que contribuiu com esta pesquisa. Além das produções do nosso grupo de estudos (GEPHE), encontramos, no âmbito da psicologia, dois artigos da autoria de Masiero (2005, 2014), sobre a formação histórica de uma psicologia racial no Brasil e o conceito de *psicopatologia* na obra de Kehl, respectivamente. Destacamos também as contribuições de Serra e Scarcelli (2012), que versa sobre a infância no campo da psiquiatria, levando em consideração os pressupostos históricos da eugenia e do *higienismo*.

Oliveira (2011) refere-se à clínica de eufrenia e também discute a higiene mental infantil. Balaguer (2005) dedicou-se à apropriação das ideias psicanalíticas no campo da medicina a partir dos textos do psiquiatra Francisco Franco da Rocha (1864-1933), enquanto Barreiro (2015) demonstrou a correlação entre eugenia, *psicanálise* e educação no Brasil. As produções fora do campo da psicologia enriqueceram igualmente nosso levantamento. Portanto, enfatizamos o trabalho de Thomaz (2012) sobre *biotipologia* e eugenia na França durante o século XX, as discussões sobre eugenia nos estudos de *doping* genético de Bomtempo (2016), bem como a avaliação de Souza (2006) sobre o projeto de construção da

---

<sup>9</sup> Os *Institutos Kaiser Wilhelm* (hoje *Instituto Max Planck*) contribuíram com o desenvolvimento de pesquisas eugênicas na Alemanha, tais como o *Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia* e o *Instituto Kaiser Wilhelm de Psiquiatria*. A *Fundação Rockefeller*, dos Estados Unidos, cuja missão era o estímulo à saúde, financiou diversos estudos desses institutos. (Pereira, 2012). Ressaltamos também que houve a criação de institutos e sociedades eugênicas em países como Argentina, Peru e Espanha.

<sup>10</sup> A eugenia teve como berço a Inglaterra, e em seguida essas ideias repercutiram em várias partes do mundo, como por exemplo: Alemanha, França, Itália, Suécia, Dinamarca, Suíça, Rússia, Áustria, Espanha, Portugal, Holanda, Noruega, Tchecoslováquia, Polônia, Japão, China, Austrália, Nova Zelândia, México, Cuba, Canadá, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Peru e Bolívia. (Domingues, 1942). Vale destacar que o desenvolvimento das ideias eugênicas ocorreu com maior intensidade em países como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos.

nacionalidade a partir das publicações de Kehl. É importante ressaltarmos também as contribuições de Muñoz (2015) ao avaliar as relações científicas entre Brasil e Alemanha no campo da medicina mental de 1920-1940, bem como o trabalho de Silva (2016) sobre o projeto civilizatório e regenerador da Universidade de São Paulo, que contou com a presença de Kehl como um dos participantes. O resultado a que chegamos, embora não seja fruto de uma pesquisa exaustiva, nos permitiu verificar uma lacuna de estudos sobre essa temática, em especial na área de conhecimento da psicologia.

No que tange ao desenvolvimento deste estudo, indicamos o percurso realizado para a escolha dos materiais utilizados como referência. Durante nossa trajetória de pesquisas, diversas produções relacionadas à eugenia foram utilizadas por nós em prol da realização de algumas atividades. Dentre os materiais utilizados, incluíam-se as produções da autoria de Renato Kehl<sup>11</sup>. O contato com tais materiais nos propiciou conhecer e trabalhar com os conteúdos abordados nas obras do autor. A partir delas, foi possível escolher como referência central para essa pesquisa as produções que versavam especificamente sobre a temática da personalidade e da psicologia. Dessa forma, elegemos as obras *Tipos Vulgares*, publicada em 1927, e *Psicologia da Personalidade*, esta última tendo sua primeira edição publicada em 1941. Todavia, optamos por trabalhar com a 7ª edição, datada de 1957.

Reconhecemos que a discussão sobre o sujeito percorria de maneira geral as produções em defesa da eugenia, em especial a obra de Kehl. Ainda que em alguns materiais específicos como *Lições de Eugenia*, de 1935 e a *Interpretação do Homem*, de 1951, o autor tenha se dedicado à discussão da formação do sujeito, nossa escolha priorizou as obras que apresentavam discussões mais aprofundadas sobre a questão da personalidade e da psicologia, por se tratarem da área de concentração de nosso trabalho. Entretanto, destacamos que nossa análise não perdeu de vista a correspondência de tais obras com a produção geral de Renato Kehl e com o contexto histórico em que foram produzidas.

No que diz respeito aos materiais tidos como referência, assinalamos que *Tipos Vulgares* está organizada no formato de notas, que apresentam as características dos sujeitos considerados *vulgares*. Nessa obra, o autor organiza o conteúdo em forma de apresentação e

---

<sup>11</sup>A saber, listamos as obras produzidas por Renato Kehl sobre eugenia até a metade do século XX. 1) Lições de Eugenia; 2) Sexo e Civilização; 3) Tipos Vulgares, 4) Conduta; 5) Educação Moral; 6) Fada Hígia; 7) Bíblia da Saúde; 8) Porque sou eugenista; 9) Como escolher uma boa esposa; 10) Como escolher um bom marido; 11) Eugenia e medicina social; 12) Melhoremos e prolonguemos a vida; 13) Cartilha de Higiene; 14) Bio-perspectivas; 15) Livro do chefe de família; 16) Catecismos para adultos; 17) Pensamentos; 18) Psicologia da personalidade; 19) A cura da fealdade; 20) Higiene Rural; 21) Através da filosofia; 22) Médico no lar; 23) Pais, médicos e mestres; 24) Meu guia; 25) Bastomicose; 26) Perigo venéreo; 27) Envelheça sorrindo; 28) A interpretação do homem; 29) Dicionário popular de medicina de urgência; 30) Formulário da beleza.

descrição de vinte *perfis psico-críticos* e, em seguida, apresenta os itens intitulados como “Gente a evitar. Classificação dos tipos vulgares (deficitários)”, “Caracteriologia: Esquemas para traçar o biopsicograma ou fórmula psicológica dos tipos vulgares ou deficitários” e “Proposições finais”.

Para apresentar essa obra, optamos por discutir de maneira geral os perfis apresentados. Na contracapa de *Psicologia da Personalidade* (Kehl, 1957) há comentários sobre a publicação da terceira edição da obra *Tipos Vulgares* (Kehl, 1927), feitos pelo escritor Berilo Neves (1899-1974)<sup>12</sup> e pelo professor Afrânio Peixoto (1876-1947), este último membro da Academia Brasileira de Letras. Segundo eles, a obra cumpre com aspectos de “higiene moral”, assim como é “instrutiva” para a compreensão daqueles e daquelas que nos cercam, caracterizando-se como uma obra de “psicologia prática” e de grande utilidade para aqueles e aquelas que procuram conhecer as “fraquezas e espertezas” de seus cônjuges. Cabe notar que Kehl (1957) não se caracteriza como um ensaio de notas sumárias a respeito de determinados “tipos”, já que seu conteúdo se organiza em quatro partes, nas quais o autor apresenta e discute com mais detalhes os tipos de personalidades. Para isso, Kehl apresenta reflexões das personalidades “vulgares” e em seguida discorre sobre os “vulgaristas”, encerrando o trabalho com uma discussão sobre “personalidades invulgares” e o “homem ideal”.

A leitura das obras teve como critério a análise das proposições de Renato Kehl acerca da formação da personalidade e, conseqüentemente, a maneira que os conhecimentos em psicologia aparecem ao longo das duas obras.

Nossa análise foi inspirada nos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico. Sob essa perspectiva, o estudo de um determinado objeto não se baseia na simples organização de ferramentas e etapas de investigação, mas sim na análise da realidade e do objeto que nela se encontra. Dessa forma, procuramos entender nosso objeto tendo em vista suas múltiplas determinações, sua relação histórica e social. Sob este prisma tecemos nossas considerações a respeito das asserções de Kehl e o modo como o autor compreende o processo de desenvolvimento da personalidade.

Netto (2011) nos adverte sobre o problema de buscarmos nos pressupostos de Karl Marx (1818-1888) um conjunto de definições e orientações metodológicas para orientar nossa

---

<sup>12</sup> De acordo com Lemos (2014), Berilo Neves foi o primeiro autor a dedicar-se à ficção científica no Brasil. Versou sobre questões referentes à modernização do país e principalmente sobre a mulher durante as décadas de 1920 e 1930.

investigação. Para Marx, não há um conjunto de regras que escolhamos para aplicar em um determinado objeto:

O método implica, pois, para Marx, uma determinada *posição (perspectiva)* do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para na sua relação com o objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações. [...] quanto mais avança na pesquisa, mais descobre determinações – conhecer teoricamente é [...] saturar o objeto pensado com as suas determinações concretas. (Netto, 2010, p. 55)

Tendo em vista as breves considerações acerca do “método em Marx”, destacamos que as contribuições marxianas sobre a sociedade burguesa lançaram luz à compreensão do objeto aqui em tese, isto é, a *personalidade*. A inspiração marxiana para o desenvolvimento desta pesquisa fez com que as proposições do médico Renato Kehl (1889-1974) fossem compreendidas como expressão de um determinado momento histórico e social, ou seja, como parte de uma totalidade.

A apresentação do nosso estudo está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *O histórico da eugenia: conhecendo o percurso desse ideário*, recuperamos brevemente a trajetória histórica das ideias eugênicas, incluindo sua repercussão em âmbito nacional e internacional. Para isso, apresentamos as discussões em defesa da “raça ideal” durante a Grécia Antiga e a sistematização científica da eugenia no final do século XIX. No segundo capítulo, *Investigação sobre formação da personalidade na obra de Renato Kehl*, apresentamos as obras de Kehl a serem analisadas, dando ênfase para trechos que elucidam e evidenciam as perspectivas e os posicionamentos do autor, especialmente naquilo que concerne à personalidade e a psicologia. No capítulo *A obra de Renato Kehl e suas implicações para a história social da psicologia* apresentamos nossas considerações acerca das duas obras sob consideração e correlacionamos a produção de Kehl com o contexto histórico da época e o desenvolvimento dos saberes psicológicos. Nas *Considerações Finais* versamos acerca das indagações trazidas na introdução do trabalho e de que maneira elas se confirmaram no decorrer do estudo. Além disso, apontaremos alguns problemas que envolvem as formas de contar e compreender a história da psicologia e como o estudo de um dos apoiadores dos saberes psicológicos no início do século XX pode nos auxiliar na forma de compreensão da história dessa ciência.

Ainda que nosso estudo tenha se concentrado nas ideias de um único autor, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a área de estudos sobre a trajetória histórica dos saberes psicológicos no Brasil. Apesar de sua contribuição, reconhecemos que nosso estudo esbarra nos limites de uma representação ampla e profunda daquilo que se refere à difusão e

apropriação histórica dos saberes psicológicos. Ademais, nossa proposta também apresenta limitações no estudo sistematizado da formação da personalidade a partir de uma perspectiva marxiana. Mesmo com tais limitações, acreditamos que as análises esboçadas no decorrer do estudo podem oferecer elementos para uma formação crítica em psicologia.

Registra-se, atualmente, a renascença, da “era helenística”, sob a égide da ciência, em especial da higiene e da eugenia.

(Kehl, 1957, p. 176)

# CAPÍTULO I

## O HISTÓRICO DA EUGENIA: CONHECENDO O PERCURSO DESSE IDEÁRIO

### 1.1. A eugenia no mundo grego

Para compreender o percurso do ideário da eugenia, é imprescindível retornar ao período referente à Grécia Antiga. Ainda que o termo eugenia ainda não existisse naquele momento já havia ideias e preocupações com a “raça” humana, mesmo que sem uma sistematização científica. De acordo com Domingues (1942), é na civilização helenística que encontramos noções e práticas que se assemelhavam ao ideário da eugenia do final do século XIX. Os eugenistas acreditavam que a Grécia Antiga representou “a expressão máxima” do melhoramento da “raça”. “Foram, pois os gregos, tanto no mármore como *in anima nobili*<sup>13</sup>, os maiores precursores do aperfeiçoamento humano.” (Kehl, 1957, p. 175).

Para Licurgo, legislador de Esparta, em defesa da robustez dos homens, as crianças que padeciam de algum tipo de deficiência ou doença deveriam ser sacrificadas. Esse mesmo legislador também colocou em prática a política de expulsão de estrangeiros em nome da preservação da “raça”, do físico e da moral dos espartanos. (Kehl, 1935). Os “processos seletivos” de Licurgo para constituir uma pátria de homens valentes são criticados por alguns eugenistas, devido ao caráter rigoroso e extremista de tais ações. Apesar dessas críticas, Licurgo era considerado por esses intelectuais como o “primeiro eugenista prático do mundo”:

Quem folhear as páginas da Odisséia, encontrará no canto oitavo o segredo não só do belo como da glória eterna do povo mais saudável que habitou o planeta, porque tinha em alta conta as *coisas reais da vida*, porque se preocupavam com a saúde, a robustez e a beleza física. Sabiam eles que a hereditariedade governa o mundo; que a seleção natural é constantemente burlada na ação benéfica de eliminar os degenerados, daí acautelaram-se contra a degeneração pelas leis devidas a Licurgo, que incutiram na índole popular o horror pelos cacoplastas<sup>14</sup> e o desdém a todos que não soubessem lutar, correr e lançar o disco. (Kehl, 1957, p. 175)

Os propósitos eugênicos gregos não podem ser desvinculados das necessidades da sociedade da época. Em Esparta, por exemplo, acreditava-se necessário haver homens fortes e saudáveis para contribuírem com as lutas e guerras por territórios, e tal necessidade atribuía

---

<sup>13</sup> A expressão faz referência a experimentos realizados em seres humanos.

<sup>14</sup> Conforme explica Kehl (1957) cacogenia se refere à degeneração da espécie. Portanto, podemos entender que cacoplastas são os sujeitos “degenerados”, “disgênicos”.

ainda mais legitimidade à preocupação em melhorar a “raça”. A sociedade grega era baseada no trabalho escravo e a produção dos bens materiais estava voltada às necessidades de subsistência da população. Portanto, é importante salientar o caráter imutável e hierárquico da ordem social grega, visto que essa era justificada sob a perspectiva do natural. O mundo natural e o mundo social não eram explicados pela via da história nem tampouco pela atividade dos homens, mas sim pelo seu aspecto natural. Sobre o modo de produção da sociedade grega, Tonet (2016) nos explica que havia

[...] uma profunda separação entre trabalho manual e trabalho intelectual e um estágio bastante limitado de acumulação de conhecimentos. Isto significava que o trabalho de transformação da natureza não requeria um conhecimento científico dela, isto é, um conhecimento sistematizado e empiricamente fundamentado. [...] Aos escravos [...] cabia o trabalho de produção materiais [...] Aos homens livres [...] cabia a tarefa de organizar e dirigir a sociedade e as atividades voltadas ao cultivo do espírito. (p. 28)

Em um dos diálogos da obra *A república*, Platão (427 a.C.- 387 a.C.), discute questões como justiça, política, organização da sociedade, sobre as mulheres e a procriação de filhos. Seu pensamento condiz com os preceitos da eugenia “contemporânea”.

– É preciso, de acordo com o que estabelecemos, que os homens superiores se encontrem com as mulheres superiores o maior número de vezes possível, e inversamente os inferiores com as inferiores, e que se crie descendência daqueles, e a destes não, se queremos que o rebanho se eleve às alturas, e que tudo isto se faça na ignorância de todos, exceto dos próprios chefes, a fim de a grei dos guardiões estar tanto quanto possível, isenta de dissensões. (Platão, 2005, p. 154)

Ainda nessa mesma obra, Platão fala sobre as guerras, as doenças da época e como elas levariam a perda dos homens considerados fortes e “saudáveis”, comprometendo assim, as lutas por territórios.

– E àqueles dentre os jovens que foram valentes no combate ou em qualquer outro lugar deve dar-se-lhes, entre outras honrarias e prêmios, uma liberdade mais ampla de se unirem às mulheres, a fim de que haja pretexto para se gerar o maior número possível de filhos homens dessa qualidade. (Platão, 2005, p. 155)

O filósofo deixa claro sobre a importância da procriação de indivíduos “superiores”, em um determinado momento da obra o autor levanta a possibilidade de organização de um Estado Ideal composto pelos “melhores” indivíduos.

[...] Ora, diz-me Glauco: vejo em tua casa cães de caça e grande número de aves de estimação, Por Zeus! Acaso prestaste alguma atenção às uniões deles e à sua procriação?

– O quê?

– Em primeiro lugar, dentre esses animais apesar de serem de boa raça, não há alguns que são ou se prova serem melhores?

– Há.

– Então fazes criação igualmente de todos, ou te esforças para que seja antes dos melhores?

– Dos melhores.

– Pois então! De preferência dos mais novos, dos mais velhos ou dos que estão na flor da idade?

– E, se não fizer assim a criação, pensas que se deteriorará grandemente a raça das aves e dos cães?

– Penso, sim.

– E que pensas quanto aos cavalos e aos restantes animais? Será de outro modo?

– Seria absurdo.

– Ó, céus! –exclamei. - Meu caro companheiro, como os nossos chefes terão de estar nos píncaros, se na verdade as coisas se passam do mesmo modo com a raça humana! (Platão, 2005, p. 154)

Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) também apresentou indagações a respeito da sociedade. Em sua obra *Política*, o filósofo se contrapõe às ideias de Sócrates (469 a.C.-399 a.C.) a respeito da propriedade, ao fazê-lo, tece críticas sobre o aumento da população. Além disso, o autor faz menção a pobreza como resultado do aumento desenfreado da população. Esse pensamento seria frequente nas discussões dos eugenistas durante o século XIX e XX, visto que eles se contrapunham ao crescimento expressivo da população, especialmente da população pertencente à classe trabalhadora, não proprietária dos meios de produção.

Há também inconsistência em Sócrates igualizar as propriedades, não regulando o número de cidadãos; a população resultaria ilimitada, mas ele presume que ficaria equilibrado pelo número de uniões estéreis ao lado de uniões em que nascem muitos filhos [...] Seria melhor limitar a população e não a propriedade, de modo que o número de nascimentos não fosse além de um número fixado pelo cálculo das probabilidades de mortalidade e de esterilidade em certas uniões. Negligenciar esse ponto, o que é comum em muitas Cidades, teria como consequência o aumento do número da pobreza entre os cidadãos; e a pobreza é a mãe da revolução e do crime. [...] quando o legislador fixar a extensão de bens deve também fixar o número de filho. Se o número deste ficar muito maior em relação à propriedade, a lei passará a ser violada; e, além dessa violação da lei, é algo ruim para a Cidade [...] (Aristóteles, 2006, pp. 90-92)

É possível dizer que os pensamentos aristotélico e platônico apresentam algumas diferenças. Por meio dos excertos aqui destacados nota-se que, mesmo com tal dissensão, ambos os filósofos demonstram preocupação com a “raça” humana e com a sociedade de maneira geral. As divergências filosóficas entre eles ganham menos destaque quando observamos que as condições objetivas da época favoreceram e influenciaram tais formulações.

[...] as grandes elaborações teóricas gregas [...] se deram em momentos de profunda crise e transformação [...]. Referimo-nos, aqui, especialmente aos pensamentos platônico e aristotélico [...] elaboraram suas teorias em um momento de constantes guerras entre as cidades gregas e de intensas lutas entre as classes sociais que culminaram, finalmente em 338, com a perda da independência em favor da Macedônia. (Tonet, 2016, p. 29)

Os acontecimentos históricos desse período nos auxiliam a compreender quais eram as condições que levaram às proposições eugênicas daquela época, e, ao mesmo tempo, nos possibilita estabelecer diferenças entre as proposições eugênicas desse momento e aquelas que apareceriam séculos depois.

## **1.2. O (re)surgir da eugenia no século XX**

Ainda que as condições materiais da Grécia Antiga tenham possibilitado a manifestação de ideias sobre o melhoramento da “raça”, não podemos afirmar que naquele período havia um conjunto de ideias que pudesse ser denominado como eugenia. Isso ocorre porque a sistematização científica e a criação de um termo que remetesse a esse ideário só ocorreriam no final do século XIX. No ano de 1883, na Inglaterra, Francis Galton (1822-1911) cunhou o termo eugenia. Conforme explica Stepan (2005, p. 9), o termo deriva do grego *eugen-s* e significa “bem-nascido”.

O conhecimento dos estudos e da sistematização científica das ideias eugênicas surge no final do século XIX, também conhecido como “era vitoriana”, em que a Inglaterra vivia momentos de prosperidade econômica em razão de seu desenvolvimento industrial. Ao nos debruçarmos sobre o contexto inglês da época, vemos que por volta de 1840 o país apresentou o maior crescimento industrial da Europa. Devido ao processo de industrialização, a população inglesa duplicou entre 1800 e 1850. (Netto, 2009).

Nos anos 1840, com o esgotar do essencial das possibilidades do industrialismo no seu primeiro estágio, os países-polos europeus já apresentam os traços básicos da fisionomia que os caracterizará como formações econômico-sociais organizadas sobre a produção capitalista. Isto é, nesses anos, o ser social posto pelo capitalismo evidencia já os seus vincos decisivos- [...] Trata-se do momento em que o mundo burguês se consolida, resultante de um processo multifacético – intersecção da economia, da história e da cultura. [...] A Inglaterra se oferece como o referencial das modificações que melhor explicitam aquele processo. (Netto, 2009, p. 12)

Em razão de uma política marcadamente burguesa, esse período foi propício para consolidação das ideias liberais, um rápido crescimento industrial e marítimo. Com um

Estado sólido e estruturado, o desenvolvimento das cidades também é merecedor de atenção quando procuramos entender o contexto da época:

Na medida em que a indústria e o comércio se desenvolvem nas grandes cidades do modo mais completo, é exatamente nelas que emergem, de forma mais nítida e clara, as consequências de um tal desenvolvimento sobre o proletariado. Nas grandes cidades, a centralização da propriedade atingiu o mais alto grau; nelas, os costumes e as condições dos “bons e velhos tempos” foram radicalmente destruídos [...] (Engels, 2008, p. 65)

Charlot & Marx (1993) retrataram as especificidades da cidade de Londres na era vitoriana. Sobre a cidade em questão, os autores afirmam que

[...] constitui uma megalópole que estende seus tentáculos em todas as direções, a custo do desenvolvimento dos transportes sacrifica os bairros antigos e permite o adensamento do espaço municipal e o nascimento dos subúrbios-dormitórios; a população se duplica em trinta anos e chega ao triplo ao longo de todo o período. O perímetro urbano se expande sem o menor planejamento habitacional, sem que exista sequer uma autoridade municipal: o departamento metropolitano de obras públicas é uma realidade nos anos cinquenta, precisamente porque a anarquia impede de controlar os problemas fundamentais de higiene pública, desde a drenagem do rio até a evacuação de resíduos ou o fornecimento de água.<sup>15</sup> (p. 19)

A cidade de Londres, ao mesmo tempo em que se desenvolvia economicamente, expunha as contradições sociais resultantes desse desenvolvimento. Conforme os registros de Engels (2008), os londrinos tiveram que “sacrificar a melhor parte de sua condição humana” (p. 67) para que o desenvolvimento da cidade inglesa pudesse acontecer. A causa das mortes dos operários ingleses era variada, mas em grande número se dava por decorrência da fome e das causas indiretas relacionadas a ela. A condição em que vivia a classe operária inglesa nos denominados *cottages* – habitação pequena e disposta de modo irregular – era precária:

[...] a miséria abriga-se em vielas escondidas, embora próximas aos palácios dos ricos; mas, em geral, é-lhe designada uma área à parte, na qual, longe do olhar das classes mais afortunadas, deve-se safar-se, bem ou mal sozinha. [...] Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imagina a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias- [...] (Engels, 2008, p. 70)

---

<sup>15</sup> [...] constituye una megalópolis que extiende sus tentáculos en todas direcciones, a costa de un desarrollo de los transportes sacrifica los viejos barrios y permite la densificación del espacio municipal y el nacimiento de los suburbios-dormitorios; la población se duplica en treinta años y llega al triple a lo largo de todo el período. La empresa urbana se infla sin la menor planificación de conjunto, sin que exista ni siquiera una autoridad municipal única: el departamento metropolitano de obras públicas es una realidad en los años cincuenta, precisamente porque la anarquía impide controlar los problemas elementales de la higiene pública, desde el drenado del río hasta la evacuación de residuos o la traída de agua.

Esse emaranhado de contradições sociais entre desenvolvimento econômico e alargamento da miséria ofereceu condições para o surgimento, a organização, o fortalecimento e a propagação do ideário da eugenia. A burguesia e a aristocracia inglesa implantaram medidas de regulação da natalidade como alternativa para enfrentar o crescimento populacional que assolava o país. Tais medidas se tornaram efetivas devido à criação de outros métodos contraceptivos, como é o caso da camisinha. Houve também a legalização do divórcio no ano de 1857. Todavia, vale destacar que esse direito só estava assegurado por aqueles que pudessem arcar com os custos de tal processo. Além disso, havia intensa valorização do papel materno e da importância da educação<sup>16</sup> dos filhos. Também era marcante a presença da moralidade e da desonra social devido a comportamentos considerados “socialmente desaprovados”. Por estes fatores, a era vitoriana foi denominada como a “era da hipocrisia”, graças a seu alto teor moralista:

Qualquer que seja a opção, nos deparamos com um conjunto de valores que, na falta de um adjetivo melhor, iremos chamar de “puritanos” e que, na classe média, correspondem de maneira evidente a uma herança de mais de dois séculos. Figuram em primeiro lugar o espírito econômico, o desejo de trabalho a importância exagerada atribuída à moralidade que, nas relações sociais, se traduz em uma etiqueta e um rigor incrível tanto na corte quanto nos salões; a isso deve-se acrescentar uma atenção acentuada aos deveres da fé e um respeito escrupuloso pelo descanso dominical, [...] não se sente vergonha em vincular a pobreza com o vício e a preguiça aos excessos, tudo levando a uma enorme rigidez na hora de ajudar os desesperados, a um intervencionismo social muito morno e a uma caridade limitada a casos individuais. A repulsa pelo vício nos conduz ao grande tabu vitoriano: o sexo, e, portanto, com um valor fundamental: a família.<sup>17</sup> (Charlot & Marx, 1993, pp. 21-22)

Dadas as especificidades do contexto inglês a partir de meados do século XIX, surge a figura de Francis Galton (1822-1911), médico e matemático, que dedicava seus estudos à herança genética e às diferenças biológicas dos indivíduos. Esse intelectual foi influenciado pelas questões do âmbito da medicina, antropologia, estatística, matemática dentre outros. Galton era primo do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882), o que fez com que

---

<sup>16</sup> Charlot & Marx (1993) explicam que, na era vitoriana, os filhos da aristocracia eram educados na “escola pública”. O conceito de escola pública nesse momento não se refere a uma escola acessível para todos, mas como algo restrito, posto que somente os filhos da aristocracia inglesa é que frequentavam esse local.

<sup>17</sup> Cualquiera que sea la opción, nos encontramos con un conjunto de valores que, a falta de otro calificativo mejor, vamos a llamar “puritanos” y que, en las clases medias, corresponden de manera evidente a una herencia de más de dos siglos. Figuran en primer lugar el espíritu ahorrativo, el afán de trabajo, la extremada importancia otorgada a la moralidad que, en las relaciones sociales, se traduce en una etiqueta y un rigorismo increíble tanto en la corte como en los salones; a ello hay que añadir una acentuada atención a los deberes de la fe y un escrupuloso respeto por el descanso dominical, [...] no se siente empacho en vincular la pobreza con el vicio y la pereza con los excesos, todo lo cual lleva a una enorme rigidez a la hora de ayudar a los desheredados, a un intervencionismo social muy tibio y a una caridad limitada a casos individuales. La repulsión por el vicio nos conduce al gran tabú victoriano: el sexo, y por ende, con un valor fundamental: la familia.

suas investigações contassem também com a influência do naturalismo, evolucionismo e biologicismo, levando Galton a entender a eugenia como um “darwinismo social”.

Historicamente, Galton é reconhecido como o “pai da eugenia”, e seu primeiro esboço da teoria eugênica foi na obra *Hereditary Talent and character*, publicada em 1869, dedicada aos estudos da herança de talentos. Sua obra mais conhecida foi *Hereditary Genius*, também de 1869. Em sua obra de 1883, *Inquiries into Human Faculty and its Development*, o termo eugenia aparece pela primeira vez. Nela, o autor discorre sobre a necessidade de encararmos a eugenia como a “religião” que nos faria alcançar o progresso de um mundo civilizado. (Peláez, 1985).

Galton defendia que por meio da educação não seria possível corrigir um problema de origem biológica. Além disso, tinha como pressuposto que grupos raciais e classes sociais eram formados a partir da herança genética. O teor e o rigor dos estudos desse intelectual fizeram com que houvesse grande repercussão e notoriedade de suas ideias, tornando-as referência para médicos ingleses e franceses, dentre outros intelectuais. (Peláez, 1985).

De maneira geral, a eugenia pode ser entendida como o melhoramento progressivo da espécie humana, como estímulo à “boa geração” ou como forma de “enobrecimento” físico e mental dos homens. (Kehl, 1935). A eugenia também pode ser vista como o estudo dos fatores que melhorariam, aperfeiçoariam ou prejudicariam o desenvolvimento físico e mental da espécie humana. O controle social permitiria uma análise desses fatores, a fim de pensar na melhor maneira de aplicá-los socialmente. (Martins, 1940). No campo melhoramento da “raça”, é preciso destacar a diferença entre *eugenia* e *eugenismo*. O primeiro corresponde à ciência, os princípios desse ideário, enquanto o segundo está relacionado com a prática desses princípios, isto é, com sua “aplicação sociológica”.

Dentro da sua finalidade de conservar as boas estirpes e de converter as avariadas em sãs; em aperfeiçoar incessantemente a espécie humana, firma suas bases “no estudo dos fatores suscetíveis de serem regulados pelos homens que, segundo Galton, podem melhorar ou piorar as qualidades das gerações futuras, quer no ponto de vista físico, quer do ponto de vista psíquico”. Preocupa-se em discernir, entre os fatores sociais, aqueles que são de natureza a favorecer “de uma parte, a procriação de seres bem-dotados, e de outra parte, em promover a eliminação progressiva dos tarados<sup>18</sup>”. (Kehl, 1935, pp. 15-16)

As medidas eugênicas por vezes são confundidas com medidas higiênicas, com práticas da medicina social ou com práticas que se voltam exclusivamente às preocupações

---

<sup>18</sup> Historicamente, o termo *tarado* era utilizado para referenciar pessoas com algum tipo de deficiência. Sua aparição na obra de Kehl não está vinculada ao aspecto sexual, conforme designamos o termo hoje em dia.

hereditárias. Os intelectuais que defendiam tal ideário acreditavam que os princípios eugênicos levavam em consideração o âmbito social, legislativo, cultural e até mesmo econômico. Desse modo, os propósitos eugênicos não estariam vinculados unicamente à genética, às regras matrimoniais ou ao campo científico:

[...] enquanto a higiene, por exemplo, procura melhorar as condições do meio e as individuais, para tornar os homens em melhor estado físico, a Eugenia intermediaria entre a higiene social e a medicina prática, favorecendo os fatores sociais de tendência seletiva, se esforça pelo constante e progressivo multiplicar de indivíduos “bem-dotados” ou eugenizados. (Kehl, 1935, p. 46)

De maneira geral, os eugenistas defendiam que a doutrina de Galton não estava voltada unicamente à formação de uma sociedade regida pelos princípios de aperfeiçoamento da “raça” ou à segregação daqueles que são “geneticamente desajustados”. Para atingir uma sociedade melhor, era necessária uma educação direcionada à hereditariedade, à procriação, ao matrimônio consciente, à proteção da sociedade e à higiene. Só assim a humanidade estaria protegida dos “venenos sociais”. Pensando nisso, os indivíduos dotados de boa estirpe deveriam ser estimulados à procriação, isso levaria ao aumento progressivo de indivíduos *eugênicos* e à eliminação gradual e progressiva dos indivíduos *disgênicos* ou *degenerados*. (Kehl, 1935).

O conceito de eugenia, de modo geral, faz referência à ideia de aperfeiçoamento da “raça”. Porém, há termos específicos para explicar suas diferentes formas de aplicações sociais, tais como: *eugenia positiva*, *negativa* e *preventiva*. De acordo com Kehl (1922) a eugenia positiva se caracteriza por medidas voltadas à educação sexual dos jovens, ao matrimônio consciente e responsável e à transmissão de conhecimentos sobre reprodução e propagação de “taras e deformidades”, ou seja, medidas que pudessem garantir uma procriação “sã”. A eugenia positiva também buscava ensinar e preparar os jovens em conformidade com os preceitos eugênicos e em prol da saúde física e mental dos homens.

Pode-se dizer que a eugenia positiva propagava a filosofia eugênica, diferentemente da eugenia negativa, que visava colocar em prática medidas que evitavam o nascimento de indivíduos “degenerados”, como por exemplo, o exame pré-nupcial, a inviabilização de casamentos entre indivíduos disgênicos e até mesmo a esterilização compulsória. As medidas de eugenia negativa não tinham como objetivo a proibição de casamentos entre indivíduos disgênicos, entretanto, os eugenistas destacavam a importância da esterilização dos cônjuges em casos de união disgênica.

Por último, destacamos a eugenia preventiva, relacionada à higiene profilática da “raça” e ao combate dos “venenos sociais”, tais como suicídio, alcoolismo e patologias. A eugenia preventiva “[...] consubstancia-se com toda a higiene e como tal consiste na higiene profilática do corpo e também na higiene profilática da alma [...] visa à organização da humanidade contra seus inimigos”. (Kehl, 1922, p. 32).

Os princípios, as finalidades da eugenia e a história da sistematização dos seus estudos merecem atenção. Contudo, é igualmente relevante conhecer a propagação e incorporação desses princípios em projetos políticos sociais de diversos países. Após a morte de Galton, no ano de 1911, as ideias eugênicas ganharam visibilidade por intermédio das sociedades eugênicas e de congressos de eugenia. Isso fez com que no ano de 1912 fosse realizado o *Primeiro Congresso de Eugenia*, na Universidade de Londres. No ano de 1922 ocorreu o Segundo Congresso, em Nova Iorque, e em 1929, ocorreria o Terceiro Congresso, no Brasil, na cidade de São Paulo.

### **1.3. O movimento eugênico nos países ibéricos e no Brasil**

É necessário reconhecer que a difusão da eugenia se deu em diversos países. Contudo, não podemos perder de vista que as particularidades da aplicação sociológica desse ideário incorrem em diferenças significativas de repercussão e consequências. Sob essa ótica, mencionamos as especificidades da eugenia na América Latina, especialmente no Brasil, e nos países ibéricos, Espanha e Portugal. Nossa escolha por tais países se deve pela relação histórica existente entre eles. No quesito desenvolvimento de estudos e iniciativas voltadas à propagação do ideário da eugenia, os movimentos eugênicos na América Latina mostravam-se alinhados aos dos países europeus. Entretanto, as necessidades que possibilitaram o desenvolvimento das ideias eugênicas em território latino-americano muito se diferenciam das ideias europeias. Se na Europa a ideia de melhoramento da “raça” perfilava-se ao medo da “degeneração nacional” em decorrência da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, na América Latina tais ideias tinham como frente uma alternativa à “regeneração nacional”. (Stepan, 2005).

Ao apresentarmos as características do movimento eugênico dos países citados, verificamos proximidades entres eles, mas também diferentes formas de adesão desse ideário, especialmente no que diz respeito ao adensamento político e a ideia de degeneração da “raça”. É possível dizer que nos países ibéricos as ideias eugenistas estiveram mais efetivamente

vinculadas aos projetos políticos de proteção racial, enquanto na América Latina a eugenia era defendida como solução de problemas sociais cujas causas tinham origem na qualidade racial do povo.

No caso espanhol, as ideias eugênicas ganharam visibilidade nacional no início do século XX, anos antes da realização do Primeiro Congresso Internacional de *Eugenia*, em 1912. Todavia, na metade do século XIX as discussões sobre higiene social começam a receber atenção, devido ao alto índice de mortalidade infantil e das problemáticas condições sanitárias que assolavam o país. Essa situação acarretou em medidas voltadas à “higiene da raça”. (Peláez, 2009).

Não havia uma elaboração prévia de algumas ideias que queriam responder, em grande medida, ao medo da “degeneração” que invadia a Europa por meio da emigração do campo à cidade, do acúmulo de operários industriais, a superlotação e as condições de vida precárias que tanto facilitavam as epidemias, as grandes doenças, tuberculose e sífilis, e o alcoolismo. A Espanha não teve um desenvolvimento capitalista como o de outras nações europeias, embora teve seu próprio sentimento regeneracionista ligado à crise política do sistema da Restauração, contaminado por contradições profundas e pelo sentimento de perda do império relacionado à perda das colônias. [O país] também não tinha um desenvolvimento científico suficientemente elaborado para construir uma estrutura antropológica que sustentasse as ideias eugênicas. Se constituiu, então, uma eugenia como detentora e defensora de princípios higiênicos, pedagógicos e legais impregnados de ciência, e, sobretudo, de ciência biológica, e de medicina.<sup>19</sup> (Peláez, 2009, p. 190)

As medidas eugênicas na Espanha visavam controlar o aumento da população e de problemas sociais como a miséria e transmissão de doenças, que se espalhavam devido ao movimento dos trabalhadores e do campesinato. Assim como no Brasil, os profissionais da medicina foram os primeiros a discutir sobre eugenia na Espanha, devido aos problemas da infância e da mortalidade infantil. É o caso de Andrés Martínez Vargas, Nicolás Amador e Ignacio Valentí i Vivó, entre outros. No discurso de abertura do *Primer Congreso de Pediatría*, realizado em Palma de Mallorca, em 1913, Andrés Martínez Vargas defende amplamente o ideário da eugenia. (Peláez, 2009).

---

<sup>19</sup> No había una elaboración previa de unas ideas que querían responder, en gran medida, al miedo a la “degeneración” que invadía Europa de manos de la emigración del campo a la ciudad, de la acumulación de obreros industriales, el hacinamiento y el malvivir que tanto facilitaban las epidemias, las enfermedades reinas, tuberculosis y sífilis, y el alcoholismo. España no tuvo un desarrollo capitalista como el de otras naciones europeas, aunque tuvo su propio sentimiento regeneracionista ligado a la crisis política del sistema de la Restauración, plagado de profundas contradicciones y al sentimiento de pérdida de imperio relacionado con la pérdida de las colonias. Tampoco tenía un desarrollo científico suficientemente elaborado para construir una estructura antropológica que sustentara las ideas eugénicas. Se constituyó entonces una eugenesia como detentora y defensora de principios higiénicos, pedagógicos y legales impregnados de ciencia, y, sobre todo, de ciencia biológica, y de medicina.

No caso dos estudos eugênicos na Espanha, seus defensores não contaram diretamente com o respaldo de teorias genéticas e genealógicas como no caso inglês. A defesa da eugenia, nesse caso, surgiu a partir da contribuição dos psicólogos e sociólogos em estudos da população e estudos antropológicos realizados nos Estados Unidos, que, ao serem propagados, respaldaram o desenvolvimento das ideias eugênicas em vários países, incluindo a Espanha. (Peláez, 2009). Essas ideias estiveram vinculadas a ideologias anarquistas<sup>20</sup> – por intermédio de médicos anarquistas favoráveis ao divórcio, aborto e controle de natalidade – e até mesmo de direita, como no caso do psiquiatra Antonio Vallejo-Nájera Lobón (1889-1960). Vallejo-Nájera realizou estudos de prisioneiros marxistas a fim de verificar suas capacidades mentais e características psíquicas. Já em plena era franquista, esse mesmo psiquiatra inspirou a ideia de investigar os filhos das prisioneiras “de esquerda”. Os eugenistas ortodoxos, incluindo o médico espanhol Gregorio Marañón y Posadillo (1887-1960), não questionavam a organização da medicina no país, questões sanitárias ou até mesmo econômicas. Ao contrário, calcavam suas explicações em problemas individuais de consciência e de educação dos indivíduos.

A maior parte dos profissionais consideravam eugenia tudo o que fosse preocupação com a procriação e seu ambiente prévio ou posterior, como a educação sexual. Porém, na Espanha dificilmente se encontram defensores claros da esterilização dos chamados “anormais” [...] tampouco chegou a aceitar o Certificado Nupcial Obrigatório, embora muitos médicos considerassem que poderia ser [algo] positivo. [...] Existem uma série de princípios básicos na eugenia, e o primeiro e essencial é o do determinismo da herança em todos os âmbitos físico, mental, e moral, nunca realmente aceito pelos defensores da eugenia na Espanha salvo em alguns casos excepcionais.<sup>21</sup> (Peláez, 2009, pp. 193-196)

Tal como no Brasil, as ideias eugênicas espanholas contaram com o apoio da classe média, que clamava pela “moral” da população. Por volta da segunda década do século XX esse ideário também foi apoiado pela Igreja Católica, embora esta instituição tenha sido contrária às medidas radicais de esterilização compulsória. Em Portugal também não houve adoção de práticas radicais, o que nos possibilita inferir a respeito das possíveis semelhanças entre o movimento eugênico brasileiro e o ibérico.

---

<sup>20</sup> Anarquismo é uma ideologia política que tem por objetivo uma sociedade sem Estado e organizada por comunidades autogeridas. (Schwarcz & Starling, 2015).

<sup>21</sup> La mayor parte de los profesionales consideraban eugenesia todo lo que fuera preocupación por la procreación y su entorno previo y posterior, como la educación sexual. Sin embargo, en España difícilmente se encuentran defensores claros de la esterilización de los llamados “anormales” [...] ni llegó a aceptarse el Certificado Prenupcial obligatorio, aunque muchos médicos consideraban que podía ser positivo. [...] Existen una serie de principios básicos en la eugenesia, y el primero y esencial es el del determinismo de la herencia en todos los terrenos físico, mental y moral, nunca realmente aceptado por los defensores de la eugenesia en España salvo en algunos casos excepcionales.

Porto (1941) reconhece as contribuições dos estudos genealógicos para o desenvolvimento da eugenia em Portugal. Entretanto, critica a forma como tais estudos foram reduzidos a uma explicação para todas as mazelas sociais, em especial àquelas que se referem ao campo dos transtornos mentais.

A investigação e estudo das taras duma genealogia poderá sempre trazer benefícios eugênicos, pois por uma vulgarização de noções indispensáveis de ordem educativa, na base da própria família ou dentro de outros grupos da sociedade, se pode obter já a seleção. [...] Por isso nos permitimos, na Primeira Semana Social Portuguesa, emitir o voto de que em Portugal se crie um Instituto de Biologia da Hereditariedade [...] *O que repudiamos é o eugenismo a bastar-se a si mesmo, guindado aos píncaros de religião da humanidade ou mesmo de ciência autônoma, simples peça da máquina materialista que aceita o homem como simples animal* (...) Queremos uma sociedade melhor, melhor pelo espírito e pelo corpo, sim, mas pela prática de processos, de todas os processos possíveis, enquanto não colidam com a aliança que fazemos entre a ciência, a razão, a moral e os direitos naturais do homem. (Porto, 1941, pp. 22, 28-29, grifo nosso)

No ano de 1937 foi fundada, na cidade de Coimbra, a *Sociedade Portuguesa de Estudos Eugênicos*, por meio da iniciativa de Eusébio Tamagnini. Para os adeptos da ideia de melhoramento racial,

[...] a problemática eugénica em Portugal tinha o sentido *básico* de prevenir a transmissão de doenças e de anomalias consideradas hereditárias. De acordo com o sentido hereditarista da eugenia, não incluímos no nosso campo de reflexão todo um conjunto de problemas higienistas ligados à reprodução e a descendência, como sejam, a higiene da gravidez, do recém-nascido e da criança, nomeadamente a higiene alimentar, física e mental e o exercício físico em geral, entre outros. (Pereira, 1999, pp. 539-540)

No Brasil, em 15 de janeiro de 1918 foi fundada a *Sociedade Eugênica de São Paulo*. A criação dessa sociedade contou com a participação de Renato Ferraz Kehl (1889-1974) e teve o apoio e patrocínio do médico Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920), diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo. Considerada a primeira sociedade eugênica da América do Sul, suas atividades encerram-se em 1919. Em 1929 iniciam-se as publicações do *Boletim de Eugenia* na cidade do Rio de Janeiro, e em 1931 funda-se a *Comissão Central Brasileira de Eugenia*, composta por dez membros. (Domingues, 1942).

Em 1913 escrevemos o primeiro trabalho sobre o assunto, anexo a um estudo sobre as teorias de Weissman que por motivos especiais, foi em parte conservado inédito. A 13 de Abril de 1917 realizamos na A.C.M de S. Paulo a primeira conferência sobre Eugenia, publicada no “Jornal do Comércio” (edição paulista) no dia 19 do mesmo mês. [...] Os primeiros trabalhos sobre Eugenia aparecidos em português, no Brasil, foram pequenos artigos de Erasmo Braga, João Ribeiro, Horácio de Carvalho; na Bahia um folheto do Professor Magalhães intitulado

“Pró-eugenia”. Em 1914 Alexandre Tepedino apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma tese intitulada “Eugenia”. Em 1917 publicamos o folheto “Eugenia” e em 1919 o livro “Anais de Eugenia” [...]. (Kehl, 1935, pp. 26-27)

Historicamente, as ideias eugênicas se desenvolveram no Brasil no início do século XX. Além dos primeiros trabalhos, o discurso inaugural de Renato Kehl em 1917 na *Primeira Conferência Eugênica na Associação Cristã de Moços* de São Paulo é considerado um marco na entrada dessas ideias no país. É importante apontar que, desde o final do século XIX, o Brasil já sofria com a crítica científica internacional a respeito da população local. Isto é, cientistas europeus dessa época acreditavam que as condições precárias do país, tais como o alto contingente de doenças, saneamento precário, altos índices de mortalidade, dentre outras questões, fizeram com que a população brasileira fosse caracterizada como “qualitativamente inferior”.

O fim da escravidão no Brasil, no ano de 1888, e a consolidação da República, em 1889, fariam com que os questionamentos e a busca por alternativas a tais críticas fossem mais frequentes. Com o fim do período escravocrata, os grupos sociais seriam incorporados à sociedade juntamente com a população indígena e sertaneja, resultando na miscigenação dos povos, com o conseqüente aumento de uma parcela da população vivendo em condições precárias de saneamento e de higiene. A intensa migração aos centros urbanos e o desenvolvimento da produção industrial no país, especialmente na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, dentre outras questões, agravavam as condições sanitárias e sociais dessas regiões e faziam com que o Brasil fosse visto como incapaz de se organizar como uma nação moderna e desenvolvida.

Na segunda década do século XX, a atroz pobreza e a deplorável saúde dos pobres haviam se cristalizado na consciência pública como uma questão nacional – a “questão social”. O grupo que mais inquietava os médicos, os especialistas em saneamento e os reformadores brasileiros, era, em sua maior parte, constituído por negros e mulatos. Esses profissionais presumiam que doenças sociais se acumulavam na base da hierarquia sócio-racial – que os pobres eram pobres porque eram anti-higiênicos, sujos, ignorantes e hereditariamente inadequados. (Stepan, 2005, p. 47)

Dessa forma, surgia um contexto favorável às ideias eugênicas no país, visto que elas representavam a ideia de modernidade cultural e conhecimento científico. Assim, o ideário eugenista estaria alinhado ao projeto econômico do início do século XX, que buscava tornar o Brasil uma nação forte e desenvolvida, de acordo com os moldes da organização social capitalista.

Amplamente assimilada pelo discurso médico-sanitarista, as ideias eugênicas surgiram na década de 1910 como “uma metáfora para a própria saúde pública”, prometendo eugenzar e sanear tanto o sertão quanto os espaços urbanos do litoral brasileiro. Além de refutar a inevitabilidade da degeneração e da saúde racial da população, a eugenia oferecia soluções científicas práticas para combater os problemas nacionais, denominados na época como a “questão social”. Por outro lado, a eugenia garantia a um grupo de intelectuais brasileiros, sobretudo aqueles ligados à medicina social, um espaço de autoridade onde pudessem dar continuidade à implementação de políticas de saúde públicas. [...] foi nesta direção que eugenistas, médicos, higienistas, sanitaristas, educadores, juristas e jornalistas procuraram se organizar no Brasil. (Souza, 2006, p. 30)

As medidas eugênicas tiveram forte repercussão em território nacional, e uma consulta à Constituição Federal de 1934 nos permite verificar essa influência. O artigo 138 da Carta Magna aponta a importância de tais preceitos:

Art. 138 - Incumbe à União, aos Estados e aos Municípios, nos termos das leis respectivas:

- a) assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar;
- b) *estimular a educação eugênica;*
- c) amparar a maternidade e a infância;
- d) socorrer as famílias de prole numerosa;
- e) proteger a juventude contra toda exploração, bem como contra o abandono físico, moral e intelectual;
- f) adotar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir à moralidade e à morbidade infantis; e de higiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis;
- g) cuidar da higiene mental e incentivar a luta contra os venenos sociais. (*Constituição Federativa do Brasil, 1934*, p. 32, grifo nosso)

É importante notar que a implementação de práticas de esterilização compulsórias no Brasil foi vetada pela Igreja Católica. Contudo, em países como Estados Unidos e Suíça, a esterilização compulsória foi amplamente adotada. Os eugenistas reconheciam o caráter radical de tal medida, porém acreditavam que a partir dela seria possível garantir o desaparecimento dos fatores que comprometiam a qualidade da espécie. Contudo, era importante pensar no aperfeiçoamento fisiológico em longo prazo, já que ele não poderia ser atingido somente com a esterilização, mas apenas por meio de processos combinados de eugenzar (Kehl, 1922):

Quanto ao verdadeiro fim da esterilização que é a *melhoria eugênica da raça* temos a dizer que esse processo oferece certas dificuldades, para se tornar eficiente além das que referimos. Para se chegar a um resultado *completo* seria necessário que a esterilização fosse aplicada compulsoriamente, de um modo permanente e em vasta escala, não poupando mesmo os

indivíduos que aparentam superficialmente normalidade e que no entanto intrinsecamente são defeituosos. (Kehl, 1922, pp. 124-125)

Na obra *Lições de Eugenia*, de 1929, Kehl defende a adoção de medidas mais radicais e uma política mais rígida de seleção racial, tudo isso inspirado em países como Alemanha e Estados Unidos. Nessa produção, o autor faz a defesa de políticas que impeçam a procriação dos degenerados. Renato Kehl era um dos intelectuais comprometidos com projeto de melhoria do país e com a ideia de progresso nacional a partir do aperfeiçoamento da “raça”. Era reconhecido e prestigiado pelo teor de suas campanhas eugênicas, pelo seu amor à pátria e pelos seus conhecimentos médicos. Participava constantemente de atividades intelectuais das instituições médicas e até mesmo antropológicas, como é o caso de sua participação na *Société d'Anthropologie*, em Paris. (Carvalho, 2016). Sua preocupação com o melhoramento racial do povo brasileiro o levou a transitar em diferentes áreas, tais como a psicologia, a antropologia e a sociologia. Para Kehl, a regeneração do povo brasileiro só seria possível a partir da lógica hereditária. Sua visão biologicista excessiva era originária de uma perspectiva centrada, acima de tudo, na hereditariedade.

Em uma entrevista ao jornal *Correio da Manhã*, no ano de 1930, Kehl afirma que todo sujeito é “escravo da constituição que lhe coube por herança” e que diferentemente da dinâmica de uma planta, o ser humano não poderia nunca corrigir aquilo que lhe é impresso ao caráter. “[...] Kehl visualizava a nação como um grande corpo biológico que deveria ser guiado de maneira racional, tanto pelas forças políticas do Estado quanto pelo saber científico.” (Wegner & Souza, 2012, p. 7).

Edgar Roquette-Pinto<sup>22</sup> (1884-1954), médico e antropólogo brasileiro favorável às ideias eugênicas, era um dos intelectuais que se opunham ao posicionamento de Kehl, especialmente com relação à esterilização eugênica. Segundo Roquette-Pinto, não era necessário substituir a população brasileira, mas educá-la a partir dos princípios da eugenia. O antropólogo também era contrário à ideia de que a mestiçagem faria com que a população brasileira se tornasse qualitativamente inferior.

[...] ressaltava que os “eugenistas apressados” – entre os quais incluía o seu colega Renato Kehl – desejavam a qualquer preço impedir a reprodução dos “fracos” e multiplicar a reprodução dos “melhores”. O problema, ponderava Roquette-Pinto [...], é que, além de não se saber ao certo quais eram os “melhores”, a eugenia não tinha o poder de controlar as combinações genéticas de um casal a ponto de gerar um filho perfeitamente eugênico. (Souza, 2016, p. 103)

---

<sup>22</sup> Presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia, de 1929.

É possível reconhecer que, no Brasil, as ideias eugênicas contaram com o apoio de adeptos mais ou menos radicais, conforme apresentamos. Por essa perspectiva, podemos compreender que a figura de Renato Kehl transitaria no campo “mais radical” das ideias. Para uma compreensão mais adequada, apresentaremos a trajetória das ideias de Kehl. Porém, com base nas proposições de Stepan (2005), podemos dizer que os países latinos, de maneira geral, merecem destaque pelas particularidades que apresentaram ao vincularem as ideias de melhoramento racial em seus projetos políticos.

De modo geral, devemos reconhecer que, apesar das divergências ideológicas internas entre seus adeptos, a eugenia teve repercussão em muitos países e suas propostas tiveram influência direta nos âmbitos político, educacional, social e científico, a depender das especificidades de cada país. Um exemplo são as políticas eugenistas mais radicais da Alemanha nazista e nos Estados Unidos. A partir da primeira década do século XX até 1945, aproximadamente, a eugenia viveu seu apogeu. Contudo, as práticas radicais da Alemanha nazista no período do Terceiro Reich fizeram com que a eugenia fosse constante e exclusivamente associada a práticas radicais. Embora a política racial alemã tenha sido extremista, é importante ressaltar que no início ela agradou a muitos eugenistas, inclusive a Renato Kehl.

É neste país onde se pratica, atualmente, a eugenia com mais amplitude e decidida coragem. O sistema eugênico alemão de proteção racial impressionou os cientistas e governantes de vários países especialmente do norte europeu que, aos poucos, estão adotando os mesmos dispositivos regulamentares apenas com algumas variantes. (Kehl, 1935, pp. 25-26)

Ao final da Segunda Guerra Mundial, o percurso da eugenia começava a se transformar e esse ideário ganharia outra roupagem, sendo incorporado a outros discursos e deixando de se manifestar tal como abordamos ao longo deste capítulo – isto é, como um conjunto de ideias voltado à aplicação sociológica e científica.

Apresentamos o percurso histórico da eugenia a fim de tornar clara a organização de tal ideário desde a Antiga Grécia até o momento em que as ideias eugênicas encontraram terreno e ganharam destaque em território brasileiro. A breve comparação entre as formas de propagação desse ideário na Espanha e em Portugal e as breves menções a outros países europeus tiveram como objetivo evidenciar as discussões e diferenças entre os projetos eugênicos de cada país. Não obstante, há um aspecto de grande importância no debate da eugenia e as convicções sobre sua reprodução à moda europeia em território latino. Isso

ocorre porque, no campo de estudos sobre o ideário eugenista, parece consensual a ideia de que os países da América Latina apenas incorporaram/imitaram as propostas eugênicas vindas da Europa. Contudo, ao entrarmos em contato com a abrangência dessas ideias na América Latina, bem como as iniciativas em defesa da “raça”, somos levados a pensar na contribuição desses países para o endosso das ideias eugênicas, e não uma mera incorporação passiva das mesmas:

O que os historiadores frequentemente deixam de considerar é a possível contribuição de uma região como a América Latina para nosso entendimento sobre o modo como as ideias passam a fazer parte do complexo tecido da vida política-social. Dão pouco peso à construção de tradições intelectuais e científicas dentro da região e, como objetos de estudo em si mesmas, às formas como essas tradições conformam o significado atribuído às ideias. [...] *ao estudarmos a história da eugenia na América Latina como uma espécie de conhecimento social e produzido e conformado pelas variáveis políticas, históricas e culturais peculiares desta região, altera-se nosso entendimento do significado da eugenia em geral.* (Stepan, 2005, p. 11, grifo nosso)

Direcionando nossa análise para a repercussão dessas ideias no Brasil, poderíamos pensar na forma como a eugenia permeou diferentes áreas. Neste trabalho daremos ênfase ao campo da psicologia. Reconhecemos a existência de diversas propostas eugênicas no campo educacional, político e social, e que as discussões travadas pelos intelectuais adeptos ao ideário da eugenia eram repletas de consistência teórica. Isto é, as discussões não se tratavam de iniciativas isoladas por parte de um grupo de pessoas desconhecidas, mas de um movimento intelectual com bases estruturadas e de caráter elitista, cuja força e permeabilidade no imaginário social são de grande notoriedade. Considerando o enfoque psicológico dessa dissertação, somos levados a pensar de que forma se deram as proposições desses intelectuais no campo da psicologia. Seria pertinente investigarmos se, nas obras destacadas neste estudo, Renato Kehl fez a apresentação de uma “nova” forma de se fazer psicologia, tendo como base os princípios da eugenia? Ou poderíamos pensar que Kehl se amparou nos saberes psicológicos que circulavam pelo país nessa época para fundamentar suas discussões sobre melhoramento da “raça”? As discussões que apresentaremos a seguir fazem parte desse caminho investigativo.

O problema, pois, da subsistência, não está ligado estritamente à questão social da melhor distribuição dos bens econômicos, mas à *melhor distribuição dos bens genética dos bens físicos, psíquicos e intelectuais*. A situação que cada um de nós desfruta na sociedade não decorre da fortuna recebida de nossos pais, porém da nossa capacidade de conservá-la. *Constitui erro atribuir todas as desgraças e injustiças sociais ao sistema denominado capitalista ou outro qualquer*. Não se nega a existência de exemplos de injustiças, porém esses como exceção, e não como regra. Na distribuição de favores de que gozam alguns elementos deve-se ter em conta, sobretudo, as condições, biossociais favorecedoras e não apenas as condições econômicas que facultam a vitória dos mesmos.

(Kehl, 1957, p. 162, grifo nosso)

## CAPÍTULO II

### UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE NA OBRA DE RENATO KEHL

#### 2.1. A obra *Tipos Vulgares*

Nesse livro, o eugenista Renato Kehl faz a apresentação de vinte *perfis psico-críticos*. O conteúdo da obra objetivava “[...] prevenir os espíritos contra os simuladores, como para esclarecê-los em favor de muitos infelizes que precisam de benevolente auxílio psicoterapêutico e quiçá, de piedade.” (Kehl, 1927, p. 18).

Ao longo do ensaio o autor faz a descrição dos *tipos vulgares*. No decorrer das apresentações é possível notar que as análises do autor tiveram como base sua experiência em observações clínicas, o contato e o acompanhamento de pacientes. Kehl era médico e foi membro da *Liga Brasileira de Higiene Mental* e da *Academia Nacional de Medicina*, também foi diretor da *Colônia de Psicopatas* no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.

No início dessa obra, Renato Kehl tece breves considerações sobre a importância do estudo e observação de indivíduos, a fim de saber quais são aqueles que deveríamos evitar o contato. Porém, era necessário ter um conhecimento prévio de si próprio, para então sermos tolerantes com aqueles que sofrem com as “fraquezas humanas e variações psíquicas”. Segundo o autor, em condições normais, os sujeitos apresentam controle de seus estados reacionais. Entretanto, a variação das influências, sejam elas internas ou externas, fazem com que seus estados reacionais se tornem irregulares.

A alimentação, as doenças, as modificações atmosféricas e sobretudo os fatores internos determinam oscilações humorais com reflexos psíquicos. Só agora, porém, se firmam, biologicamente, as oscilações entre o corpo e o caráter, esclarecendo-se as particularidades personalíssimas dependentes de fatores hereditários, morfológicos, dinâmicos-humorais<sup>23</sup> e as respectivas qualidades afetivos-ativas manifestadas na vida social. (Kehl, 1927, p. 11)

Além de paciência e resignação, seria necessário ter “argúcia psicológica” para compreender os indivíduos que padeciam de alguma alteração, portanto era preciso ter auxílio da *psico-crítica*. Segundo Kehl (1927), a *psico-crítica* era um ramo da caracteriologia fundamentada no conhecimento e na interpretação da constituição, da estrutura, da dinâmica e

---

<sup>23</sup>Ainda que o autor não apresente ao longo da obra as contribuições dos estudos de Hipócrates, relembramos sua *Teoria dos Quatro Humores*, e o modo como aspectos externos provocam alterações nos humores dos homens.

das tendências da *indivíduo-personalidade*. Na concepção do autor, a base da constituição dos sujeitos sofria influência do meio e da educação.

É mister, por meio de uma análise psico-crítica, que não se aprende no estreito quadrante da psicologia clássica, devassar a alma dos homens. A psico-crítica com base na biologia ou mais especificamente com fundamento na constituição e temperamento torna possível compreender melhor a estrutura e dinâmica espiritual para a interpretação das indivíduo-personalidades. (Kehl, 1927, pp. 17-18)

Ainda que abordasse questões acerca da psicologia, o autor não faz considerações específicas dessa ciência ao longo da obra e tampouco conceitua o que, em seu entender, o que seria uma psicologia clássica. Para Kehl, o estudo em psicologia seria importante, já que “Em qualquer carreira profissional as possibilidades de sucesso são proporcionais à ilustração e também ao conhecimento dos homens. Não mais se compreende, portanto, o desconhecimento de noções em psicologia individual e coletiva”. (Kehl, 1927, p. 17).

Em uma das descrições dos perfis psico-críticos, Kehl faz referência à teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1839), porém sem se aprofundar em tal teoria. Ao longo da obra notamos referências à psicologia e a higiene mental. A manifestação do ciúme, por exemplo, na perspectiva do autor, ocorre devido a alterações da razão e dos sentidos, e seria, portanto, uma “doença de base constitucional<sup>24</sup>” cujo combate, prevenção e “cura” seriam possíveis a partir da educação, da higiene mental e de ações culturais realizados por médicos, psicólogos e psicanalistas<sup>25</sup>. A referência à obra de Freud é feita para explicar sobre os instintos, especificamente nos sujeitos com perfil de *castos forçados*. Segundo o autor, o homem apresenta uma inclinação natural para satisfazer seus instintos, e embora haja tentativas de desviarmos dessa tendência, ela estaria vinculada à teoria freudiana de sublimação.

O freudismo, expondo a teoria da sublimação dos crentes que desviam para um ideal religioso obsessivo e o seu potencial genésico, não fez mais do que confirmar esta concepção etiológica do misticismo. [...] Está hoje verificado que a abstenção sexual, em grande número de indivíduos, toca profundamente o seu psiquismo, em especial a sua afetividade, criando

---

<sup>24</sup> Consideramos importante elucidar o termo *constitucional*, que aparece recorrentemente ao longo da obra. De acordo com a definição do próprio autor na parte terminológica, *Constituição* se refere aos caracteres hereditários do indivíduo, às qualidades determinantes da personalidade, isto é, à “expressão estática e sintética da indivíduo-personalidade”. Tais caracteres seriam influenciados por aspectos morfológicos, fisiológicos, psicológicos, hereditários e até mesmo pelo meio externo. Portanto, a constituição seria o conjunto das características que foram herdadas geneticamente e que podem ser reguladas segundo o meio e a educação. (Kehl, 1957)

<sup>25</sup> Discutiremos mais adiante a propagação das ideias psicanalíticas no Brasil durante as primeiras décadas do século XX e as diferenças entre a psicologia e a psicanálise.

obsessões, ansiedade e alucinações. A terapêutica indicada nestes casos pelos endocrinologistas é a simples quebra da castidade, a qual faz com que desapareçam todas estas tristes manifestações. (Kehl, 1927, pp. 152-153)

A partir da análise das características da indivíduo-personalidade seria possível distinguir as características morfológicas<sup>26</sup> dos sujeitos e assim, caracterizá-los em três grandes grupos: *normotipos* (indivíduos médios, que se apresentam ora com *caráter neutro* ora com *caráter definido*), *braquitipos* (em geral indivíduos calmos, pacatos e com desenvolvimento lento e otimista) e *longitipos* (indivíduos compridos ou esguios, mais instáveis, vivos, inteligentes, porém impacientes). Kehl (1927) acreditava que os sujeitos que apresentavam *caráter neutro* poderiam ser facilmente influenciáveis devido à plasticidade das indivíduo-personalidades. Nesse sentido, era importante o investimento em medidas educacionais a fim de tornar os homens úteis para a sociedade.

Os tipos vulgares poderiam ser classificados em cinco grupos:

**Quadro 1 – Os grupos de tipos vulgares, segundo Kehl (1927)**

<b>Grupo I</b>	Dos pseudofortes. São indivíduos que agem sem se importar com a sociedade, isto é, “dotados de falta de escrúpulos”.
<b>Grupo II</b>	Dos variáveis e oscilantes. Sujeitos que ora aceitam ora se posicionam contrariamente as normas sociais a depender do momento e da “moral” da época.
<b>Grupo III</b>	Dos brutos, inadaptáveis e irresponsáveis. São os indivíduos sem o controle de suas próprias condutas.
<b>Grupo IV</b>	Dos tímidos, fracos ou conscienciosos. Aqueles que agem com a intenção de “fazer o bem”.
<b>Grupo V</b>	Grupo “mínimo de fracos”. São indivíduos que apresentam tendências de “indivíduo e de pessoa, ou seja, de animal e de gente” (Kehl, 1927, p. 166).

Fonte: elaborado pela autora

A diferença entre os homens poderia ser explicada a partir da diversidade de temperamentos, por questões glandulares e cromossômicas (hereditárias). Tal diversidade seria explicada posteriormente por Kehl na obra “Psicologia da Personalidade”.

Estas glândulas sobre o meio humoral e, portanto, sobre os órgãos da economia. São elas, em suma, que determinam no homem, *-ser duplo*, qual das partes constitutivas a preponderante, a da individualidade ou a da personalidade, a primeira falando em nome da Espécie e a segunda em nome da Sociedade. Muitas vezes ambas se apresentam em antagonismo, daí as lutas, as paixões impetuosas, que a “alma social” procura aplacar pelos métodos conhecidos das concessões recíprocas, do cerceamento da liberdade ou de ideais abstratos contidos na “moral” ou nas “morais” existentes. (Kehl, 1927, p. 167)

<sup>26</sup> A palavra morfologia deriva da união dos radicais gregos *morphe* (‘forma’) e *logos* (‘estudo’).

Para organizar o *biopsicograma* ou a *fórmula psicológica dos tipos vulgares* ou *deficitários*, Kehl (1927) acreditava ser necessário considerar os fatores que influenciam à constituição da personalidade: a) fatores constantes, tais como os hereditários e os congênitos, ou b) fatores variáveis, tais como os estímulos fisiológicos, psíquicos, econômicos e sociais. Assim sendo, caberia à psico-crítica analisar o dinamismo psíquico e a estrutura da personalidade. Por intermédio dela, seria possível corrigir os desvios morais da personalidade, já que o *substrato psíquico* do homem se tornaria definitivo ao alcançar determinada idade.

Com relação à influência do meio social e da hereditariedade na personalidade humana, Kehl (1927) sugere que o meio colaboraria para a *dissociação da personalidade*. A hereditariedade “cria a especificidade psicomoral que o meio revela por meio da influência da tradição, da educação e da sanção penal”. (p. 173). Isso significa que o indivíduo é dotado de características hereditárias, e as condições do meio e da educação fariam com que a manifestação da personalidade ocorresse de maneira particular em cada indivíduo. Segundo o autor, os eugenistas questionam a ideia de fatalismo, de influência do destino e até mesmo do determinismo, defendendo que o único determinismo inquestionável era o *determinismo biológico*. Assim sendo, todos nós estaríamos à mercê de uma “fatalidade” orgânica ou psíquica, da qual não poderíamos fugir. Desse modo, nossas atitudes dependem *essencialmente* de aspectos hereditários, e não de uma determinação do meio ou das circunstâncias. Ainda que os fatores do meio fossem relevantes para Kehl, eles não seriam primordiais na análise da personalidade.

O autor ressalta a importância da educação eugênica e racional como forma de proporcionar uma consciência eugênica e facilitar a multiplicação dos indivíduos *bem-dotados*:

“Quem é bom já nasce feito”, temos repetido inúmeras vezes. A educação exerce naturalmente grande influência para atenuar ou mesmo para remover arestas de caráter e de temperamento; nunca, porém, para atenuá-las e removê-las geneticamente, isto é, em benefício real de efeito persistente para as gerações futuras. (Kehl, 1927, p. 22)

A educação era vista como uma medida de eugenia *positiva*, a partir dela seria possível transmitir aos indivíduos a importância dos princípios da eugenia. A prática educacional era uma medida pertencente às campanhas eugênicas e poderia apresentar resultados satisfatórios com relação à educabilidade do comportamento dos homens. Constantemente, o autor destaca a influência da educação para o desenvolvimento e análise da

personalidade. Ainda que se reconheça a relevância das medidas educacionais, sejam elas no seio familiar como em ambiente escolar, o posicionamento do autor é evidente: as medidas educacionais assumiriam um papel subsidiário à hereditariedade no que tange ao desenvolvimento dos homens. “Todo o indivíduo, como tenho dito, é produto de dois fatores: hereditariedade e educação; a primeira garante a personalidade específica e a segunda a personalidade adquirida.” (Kehl, 1927, pp. 130-131).

Uma das medidas propostas para favorecer o aperfeiçoamento físico, moral e psíquico da “raça” seria exigir nas escolas exames periódicos de desenvolvimento do corpo, do caráter e até mesmo da inteligência dos alunos. Tais exames avaliariam o tipo de cada personalidade, suas regularidades e desarmonias, “[...] de modo a ser possível agir com os meios mais oportunos para a ontogênese harmônica nos quatro referidos aspectos<sup>27</sup> da personalidade.” (p. 26).

Com a educação seria possível consolidar os caracteres humanos de modo a fazer os homens se tornarem “homens de bem”. Ainda que o autor considere importante a educação, ele não deixa de destacar a carência de medidas pedagógicas que pudessem proporcionar resultados satisfatórios no que tange ao aperfeiçoamento dos homens. Kehl ressalta que o ato de educar não é responsabilidade unicamente da família, mas também das escolas. Desse modo, era necessário implantar disciplinas que versassem sobre boas maneiras, cultura e moralidade e transformação das *taras* vulgares.

Não temos ilusões quanto ao efeito insignificante do ensino de preceitos da ciência dos costumes pelos métodos atuais, nem quanto às exortações doutrinárias sobre o bem pela prática do bem. Não revertem em apreciáveis resultados, porque certos cérebros são impermeáveis às influências de natureza altruísta [...] Enquanto não for possível permeabilizar o entendimento de indivíduos glandularmente deficitários, recorramos a método da “racionalização”, cujo fim é torna-los aptos a prever as consequências das próprias ações, [...] (Kehl, 1927, pp. 162-163)

A questão do indivíduo é marcante na obra de Kehl. Embora a correlação entre sociedade e indivíduo seja recorrente ao longo de suas proposições, suas explicações partem sempre de aspectos *personalíssimos*, ou seja, das características biológicas dos indivíduos. Kehl recupera personagens históricos e os analisa a partir de questões relativas ao peso corporal, como no caso de Martinho Lutero (1483-1546), que teve um papel central na Reforma protestante contra a Igreja Católica na Alemanha, e Frederico II (1712-1786), rei da Prússia, favorável às ideias iluministas e com grandes vitórias em seu governo: “Lutero, por

---

<sup>27</sup> Os aspectos os quais o autor se refere são a beleza, a saúde, a bondade e a sabedoria.

exemplo, era gordo com traços acentuados de temperamento peculiar aos magros; Heine era magro, apresentando traços ciclotímicos, do mesmo modo que Frederico, o Grande.” (p. 34).

Ainda sobre o indivíduo, Kehl faz observações sobre a preguiça, que apesar de ser vista como “caráter universal”, apresenta peculiaridades geográficas. Segundo o autor, algumas regiões apresentariam níveis pandêmicos e endêmicos, chegando a afetar toda a população. No caso do Brasil, Kehl discorda de que em certas regiões possam existir pessoas que apresentem mais preguiça do que em outras, pois, ainda que houvesse uma quantidade de pessoas inativas, a maioria das pessoas no Brasil trabalhava “duramente” o ano todo. Ainda assim, o autor não nega o fato de que nosso país era composto por dois extremos: os que trabalhavam muito e aqueles que não trabalhavam nada.

Assim, Kehl tece comparações entre o Brasil e os países da Europa quando se referia a uma parcela de trabalhadores que podem desfrutar de férias e descanso, enquanto no Brasil havia um contingente de trabalhadores que não gozava dos mesmos privilégios. O autor não perde de vista os contrastes da questão do trabalho, e por isso acreditava que no Brasil e em todos os países do mundo, em especial nas regiões que concentravam as capitais, havia indivíduos que não se preocupavam com a coletividade, de modo que se aproveitavam das condições sociais, econômicas ou do próprio meio, para viverem como “parasitas sociais”:

Esta preguiça não é “preguiça-doença” ou “doença-preguiça”, é antes malandrice. A verdadeira preguiça, tem caráter mórbido, é doença de fato. Como se sabe, a tendência natural do homem é para trabalhar, para agir, sob a dupla influência da *necessidade* (instinto de conservação) e da *curiosidade*. Estes dois motivos essenciais manifestam-se, via de regra, em todos os indivíduos por força de suas necessidades instintivas, de suas propensões particulares e das circunstâncias. *Só causas estranhas de ordem social e sobretudo mórbida fazem um indivíduo escapar ao determinismo natural de agir, de lutar, no sentido de vencer, de beneficiar-se e de garantir-se para o futuro.* (Kehl, 1927, pp. 55-56, grifo nosso)

Nesse sentido, Kehl questiona o sentimento de coletividade entre os homens. Para este autor, o homem apresenta uma tendência natural à individualidade<sup>28</sup>. O sentimento de pertencimento ou “sentimento gregário” seria subsidiário à coletividade, e se mantém em razão das necessidades particulares. “Não fosse as contingências da luta pela sobrevivência, e o instinto predominante entre eles, seria o da dispersão.” (Kehl, 1927, p. 95). Acredita que “O

---

<sup>28</sup> Ao longo de suas análises o autor se refere diversas vezes ao termo individualidade. Cabe lembrar que o sentido empregado pelo autor não faz referência à ideia de individualidade segundo os preceitos marxianos- os quais nos deram fundamento para o desenvolvimento deste estudo-. Acreditamos que o sentido empregado por Kehl se refere ao conceito de individualismo, isto é, da ideia de indivíduo “isolado e abstrato” e independente dos vínculos naturais e sociais. (Chagas, 2012).

estado social entre os homens como entre os animais deriva do egoísmo individual que se subordina, por interesse vital ao egoísmo coletivo.” (pp. 95-96).

Ainda sobre a questão da coletividade, Kehl designa como “sestrosos” os indivíduos que apresentam má conduta em sociedade, sendo denominados como *subgênero mental* os sestrosos de mentalidade infantil e os *débeis mentais*. É importante notar que, para o autor, aqueles que apresentam tais características permaneceriam em meios influenciáveis, podendo se tornar incuráveis. Os sujeitos que infringem as normas sociais não o fazem porque a natureza psicológica desses indivíduos permitia com que eles compreendessem a necessidade de civilidade. Nesse sentido, Kehl ressalta a responsabilidade da educação e do ensino das normas por parte dos pais – em especial da mãe – pois os pais eram responsáveis por educar seus filhos com bons hábitos, “gravando conscientemente, no inconsciente, o sentido ético da boa conduta.” (p. 104). Só se tornariam *sestrosos* os indivíduos que são mentalmente “defeituosos” ou aqueles que não tiveram pais e mestres para educá-los.

Kehl demonstra claramente sua preocupação com a degeneração da espécie, e assinala que o vício e a degeneração estariam atrelados. Aquele que é “fraco de espírito”, além de desenvolver o vício, não seria capaz de compreender as consequências de suas atitudes para as gerações futuras. Portanto, o autor acredita que a sociedade deveria ser composta por homens com mais saúde para encarar e enfrentar as dificuldades. Para isso ocorrer, seria necessário evitar o aumento do número de indivíduos que faziam uso do álcool ou apresentavam outros vícios:

As piores vítimas do álcool são a família e os descendentes dos que se prendem às grilhetas do vício. A família, porquê tem em casa um doente da vontade e uma ameaça permanente para o seu sossego, além de um perdulário que rouba o pão dos filhos para consumir nos bares ou nas tavernas; a descendência, porquê terá de sofrer, irremediavelmente pelos hospitais e penitenciárias, até o extermínio na terceira ou quarta geração, os espinhos em que se transformam os instantes de falso prazer, de quem os gerou com o organismo encharcado de álcool. (Kehl, 1927, pp. 135-136)

Por fim, assinalamos as considerações do autor acerca do Estado e sobre o trabalho. Em sua análise, a postura dos indivíduos que assumem cargos públicos – ou seja, daqueles que se aproveitam das formas de poder, que são demagogos e se beneficiam da opinião pública – poderia ser entendida a partir de suas personalidades. Isto é, as falhas da organização do aparato estatal podem ser explicadas a partir da personalidade dos indivíduos que o representam. Já sobre o trabalho, o autor destaca a tendência natural dos homens para o trabalho. Quanto a isso, entendemos que Kehl (1927) faz referência ao trabalho assalariado

(emprego) e destaca a importância do estado normal dos sujeitos, para que possam empregar-se em determinados ofícios.

## 2.2. A obra *Psicologia da Personalidade*

Para Kehl (1957), em um período de cinco anos a psicologia passou de “especulativa e palavrosa” para “objetiva e prática”, deixando de lado suas concepções abstratas para adentrar em discussões mais positivistas. Assim, a psicologia teria como finalidade auxiliar no conhecimento dos homens sem perder de vista a interdependência dos fatores somáticos e psíquicos, bem como as condições fisiológicas e do meio:

Passou, a nosso entender, a era das preocupações causais e finalistas que faziam da psicologia uma filosofia, dos estados ou fatos de consciência, bem assim a era das pesquisas isoladas e dos exames de “frações psíquicas” a que se dava, e ainda há quem dê, exagerada importância. *Tendo por princípio a não existência de personalidades-padrão*, a psico-crítica, sem rejeitar de todo a colaboração dos laboratórios, atende principalmente à estrutura física e às condições fisiológicas (constituição e temperamento<sup>29</sup>), *estuda o homem na sua totalidade e em pleno funcionamento*, observando-lhe os processos psíquicos, as reações emotivas, as tendências psicomentais, o comportamento e os desajustamentos, tudo considerado e evidenciado no seu meio habitual. (Kehl, 1957, pp. 16-17, grifo nosso)

Com relação à crítica da psicologia “palavrosa”, Kehl discorre a respeito da necessidade de aprofundamento nos estudos biotipológicos, ou seja, estudos que levam em consideração a morfologia, o temperamento e o caráter, para a análise da personalidade. Nesse sentido, o caráter seria uma expressão psicológica da indivíduo-personalidade, composta por reações (afetivas e volitivas) desenvolvidas ao longo de evolução pessoal, tendo como base as disposições hereditárias e fatores externos:

A fim de evitar os velhos roteiros psicológicos que nos levariam, certamente, a labirintos inextricáveis das divagações palavrosas, muito gosto dos propensos a exposições prolixo-confusa, resolvemos tratar da questão baseada nas atuais doutrinas constitucionalistas. Os modernos estudos biotipológicos abriram largos horizontes para a elucidação destes problemas, portanto para a análise caracteriológica dos tipos que poderemos denominar retaguarda. (Kehl, 1957, p. 81)

---

<sup>29</sup> O termo temperamento se refere a “dinâmica-humoral” da indivíduo-personalidade, podendo ser entendido como resultado da relação entre corpo e psiquismo. (Kehl, 1957).

Nessa obra, Kehl estabelece mais conexões entre o uso da psico-crítica e a análise dos sujeitos. Para o autor, a psico-crítica corresponde a “psicologia do biótipo<sup>30</sup>”, e auxilia no entendimento da dinâmica e estrutura da personalidade ou indivíduo-personalidade. O fundamento da indivíduo-personalidade estaria nas variações genótípicas (disposições inatas) e fenotípicas (disposições adquiridas), ou seja, nas características hereditárias (estáticas ou constitucionais), nas dinâmicas e nas reacionais, caracterizada pelo *núcleo primário* de fatores hereditários e um *núcleo secundário* de fatores relativos ao meio e a educação. (Kehl, 1957).

A psico-crítica, a caracteriologia<sup>31</sup> e até mesmo a endocrinologia poderiam auxiliar no estudo da diversidade psicológica dos sujeitos bem como da indivíduo-personalidade. Para a realização desse estudo, a psico-crítica se pauta na variedade de comportamentos, enquanto a psicologia da personalidade se dedicaria a estudar a forma que os indivíduos manifestam tais comportamentos, se valendo das reações a determinados estímulos<sup>32</sup> e as condutas em meio social. A partir da caracteriologia, seria possível avaliar a inter-relação entre as características morfológicas, psíquicas e mentais. O temperamento também é um aspecto a ser considerado na análise do sujeito, e, conseqüentemente, em sua personalidade.

As discussões a respeito da personalidade humana são, conforme explica Kehl, relevantes pelo fato de desvelarem as “mazelas do caráter” e, dessa forma, colaborarem com questões profiláticas e terapêuticas da população. Portanto, haveria a necessidade de uma psicologia que pudesse auxiliar no conhecimento da personalidade e do homem. Nessa obra, notamos que o autor se aprofunda em suas constatações sobre a psicologia e a trajetória dessa ciência no país:

Eis, pois, que da psicologia transcendental e filosófica passou-se à clássica instrumentalista e educacional e por fim à psicologia médica que, indubitavelmente mais tem contribuído para remover os escombros do vetusto psicologismo intelectualista, abrindo os atuais rumos que a psicocrítica e a psicotécnica erigiram os alicerces da “psicologia da personalidade”, cujo conhecimento constitui cabedal indispensável não só para os estudantes de medicina e os médicos, como para todos os que se dedicam a questões pedagógicas, de orientação técnica ou profissional, como para os administradores e o público culto em geral. (Kehl, 1957, pp. 18-19)

---

<sup>30</sup> Aquilo que se designa a *indivíduo-personalidade*. Enfatizamos que, para o autor, o conjunto de atributos que caracterizam o sujeito psicologicamente pode ser entendido como personalidade, ao passo que os atributos que caracterizam fisicamente o sujeito, são do âmbito da individualidade.

<sup>31</sup> Para Kehl (1957) a caracteriologia é a “ciência do caráter”, isto é, a ciência que estuda e analisa expressões psicológicas do temperamento humano.

<sup>32</sup> As personalidades estão sujeitas as “*mesmas influências* provocadoras e a idênticas impulsões reacionais, com a diferença que as bem ajustadas possuem a necessária capacidade de domínio para melhor atender aos imperativos sociais e as mal ajustadas não.” (Kehl, 1957, p. 289, grifo nosso).

Kehl (1957) afirma que, para analisarmos a formação do caráter, é pertinente considerar os fatores hereditários, mesológicos<sup>33</sup> e educacionais que interferem no desenvolvimento do homem. Afinal, “Muitos são vítimas de desordens orgânicas de grave repercussão sobre o psiquismo e, portanto, sobre o comportamento [...]”. (p. 20). Para uma realização adequada do exame das características psicológicas do sujeito era necessário: 1) verificar os instintos fundamentais do indivíduo, tais como nutrição, reprodução, agressão e defesa; 2) verificar as atitudes afetivas; 3) verificar o desenvolvimento sensitivo-sensorial; 4) verificar os sentidos da atenção e da percepção; 5) verificar a memória; 6) verificar o desenvolvimento intelectual; 7) verificar as ideias, fantasias, misticismo/realismo e até mesmo os aspectos pragmáticos; 8) verificar aspectos de abstração e de lógica; 9) verificação do humor; 10) psicoestesia; 11) desenvolvimento da vontade; 12) análise psicanalítica. (Kehl, 1957):

A rigor ficará incompleto o exame caracteriológico e psico-crítico se não for feito, segundo a escola psicanalítica, uma investigação da “personalidade profunda”, compreendendo as tendências eróticas, místicas e egocêntricas, das quais decorre a face afetivo-instintiva de cada tipo e que explicam as atitudes sociais de tantos místicos, introvertidos, vencidos e desordenados sexuais. (Kehl, 1957, p. 316)

Kehl ainda apresenta outras considerações a respeito dos *tipos vulgares* – indivíduos que comprometem as normas sociais – e menciona que poderia haver homens dotados de inteligência com condutas sociais irregulares e indivíduos que padecessem de falhas de caráter, que sofriam com algum tipo de desajustamento psíquico ou até mesmo “quebra ou desvio de personalidade”, cujos comportamentos estivessem relacionados a causas etiológicas (hereditárias e congênitas) e causas desenvolvidas ao longo do tempo, como:

- a) Desarmonias familiares e falta de autoridades dos pais.
- b) Tirania, despostismo ou excessivo zelo dos mesmos.
- c) Segregamento ou simples isolamento no período infantil e juvenil.
- d) Desajustamento escolares;
- e) Falta de carinho e de encorajamento. (Kehl, 1957, p. 189)

Diferentemente da vulgaridade, o *vulgarista* é aquele que apresenta “predisposição constitucional” que o tornam incapaz para adaptar-se e adequar-se ao meio. Devido à predisposição hereditária ou congênita, e ao serem expostos a fatores externos, poderiam revelar-se como *vulgaristas*. Entretanto, ao conviverem em “meio confortável”, tais

---

<sup>33</sup> Aquilo que se refere ao meio.

indivíduos poderiam viver como *vulgaristas latentes*, ou seja, sem manifestar quebra ou desvio de personalidade. O sujeito considerado “desalmado” deixa de estar associado às explicações encontradas nos dicionários, isto é, deixa de ser equivalente àquele que é cruel, perverso ou algo que se relaciona ao mal. O desalmado é aquele que “de pouco valem a educação, a influência do meio familiar e social, visto ser vítima de falha incorrigível: nasceu *des-almado* e, por isso, será toda a vida *desalmado*. (Kehl, 1957, p 26).

Kehl (1957) não nomeia os tipos invulgares, mas descreve as características dos gênios e dos sábios, o que nos levou a interpretar que, possivelmente, esses sejam os tipos invulgares em sua concepção. O autor critica o uso abusivo e inapropriado de termos como *sábio, gênio, degenerado e degeneração*. O gênio pode ser entendido como um “super-mental” que se destaca pela sua originalidade. Apesar disso, não se trata de um tipo comum e tampouco de um tipo ideal eugênico<sup>34</sup>. O sábio seria o tipo que faz melhor proveito de seus conhecimentos. *Mediano* é o termo usado para designar os indivíduos que se colocam na linha média da escala biométrica<sup>35</sup>, vindo a ser *mediocre* aqueles que se colocam abaixo dessa linha, podendo ser denominado de *infra homem*.

Para Kehl, o estudo dos gênios deveria ser de interesse dos psicólogos, dos psicocríticos e dos médicos<sup>36</sup>, e o autor chama atenção para o uso inapropriado do termo *degeneração*, já que seu uso recorrente levava a uma significação imprecisa e falsa. O emprego incorreto desses termos, em especial dos termos *gênio* e *degeneração*, tem se dado em razão da falta de critério científico com relação à herança genética. Kehl acredita que a utilização do termo *degeneração* ultrapassou o âmbito da medicina, e passou a ser usado por outras áreas, como a sociologia, a criminologia e até mesmo a psicologia, o que acarretou na banalização do termo. Por conta dessa banalização, o termo teria passado a fazer referência a indivíduos acometidos por “simples alterações somáticas ou psíquicas” e a indivíduos estigmatizados física ou mentalmente por causas congênicas ou acidentais. Tal confusão fez com todos os indivíduos fossem considerados como *degenerados*.

Após os estudos de Galton em *Hereditary Genius* e de seus continuadores da doutrina eugênica, a palavra *degeneração* vem de ser novamente empregada no verdadeiro sentido. As

---

<sup>34</sup> Embora os eugenistas não acreditassem na existência de homens ideais, faziam a defesa de *tipos eugênicos*. Esses tipos representam um “tipo equilibrado superior”, fruto da interação entre caracteres hereditários ótimos, provenientes de ancestrais física e mentalmente “normais”. (Kehl, 1935).

<sup>35</sup> Referente a biometria, isto é, aplicação matemática a processos humanos, especialmente a processos hereditários suas variações. (Kehl, 1957).

<sup>36</sup> Nesse caso, Kehl destaca o trabalho *Korperbau und charakter*, de Kretschmer, que procurou descrever a constituição e o temperamento de figuras famosas no âmbito da ciência. Kehl (1957) defende que tal trabalho seja importante para aqueles que se dedicam ao estudo da psicologia da personalidade.

conformações físicas viciosas, as perturbações de ordem psíquica e mental originadas por incidências mórbidas, tóxicas ou traumáticas e mesmo as anomalias congênicas- não suscetíveis de transmitirem, hereditariamente, não *são estigmas de degeneração* nem seus portadores indivíduos degenerados. (Kehl, 1957, p. 243)

Com base na eugenia seria possível assegurar que os tipos “apreciáveis” fossem em maior número nas futuras gerações. Para tanto, o Estado deveria contribuir diretamente com a melhoria e conservação da sociedade, além de colaborar com a propagação dos princípios da eugenia:

Aos prosélitos da eugenia que ocupam cargos legislativos compete dar o impulso regenerador, levar avante as medidas legais, indispensáveis para melhorar a constituição somato-psíquica de nossa população heterogênea, em grande parte doente ou inválida. (Kehl, 1935, p. 232)

Ainda sobre o papel do Estado e a forma como este poderia colaborar com a propagação das ideias da eugenia, Kehl (1957) tece críticas à assistência social e aos indivíduos que dela dependem. Nesse sentido, o autor menciona estudos eugênicos realizados nos Estados Unidos, a fim de descobrir meios práticos para evitar que indivíduos disgênicos continuem crescendo de “maneira assustadora”. Kehl acreditava que o problema da miséria não poderia ser resolvido com “esmolas” ou assistência social, já que tais medidas seriam paliativas, e não proporcionariam uma efetiva mudança da condição social. O autor não defende o abandono e a falta de assistência àqueles que necessitam de auxílio, porém ressalta esse caráter paliativo:

Mesmo nos países socialmente organizados o número destes indivíduos é tão grande que nem todos podem ser recolhidos a asilos ou a colônias; muitos preferem viver em uma espécie de migalhas, abrigar-se em casas abandonadas ou em barracões sórdidos; outros agrupam-se e vivem em uma de comunidade que no Rio de Janeiro denomina “favela” e em Recife “mocambo”. (Kehl, 1927, p. 151)

Para Kehl (1957), a miséria não é uma questão de falta de recursos a uma determinada parcela da população, mas sim de senso e capacidade. Para o autor, sempre houve e haverá miséria, e sua erradicação seria possível com a eliminação progressiva, que seria dada por meio da seleção natural ou genética:

*O problema da indigência prende-se fundamentalmente à grave questão da degradação somato-psíquica do homem. Existem mendigos, não por contingência pura e simples de ordem econômica, mas porque subsistem fatores de inferiorização biológica, da qual decorre a inferiorização social. A indigência é consequência sobretudo de debilidade mental. [...] Só os indivíduos que perdem o sentido da dignidade dão-se à rendosa profissão de mendigo. [...] A*

mendicância ou indigência constitui verdadeira diátese social, própria a linhagens inteiras de degradados. (Kehl, 1957, p. 155, grifo nosso)

Kehl também não acredita que o problema da miséria esteja vinculado à organização social pautada nos moldes de produção capitalista. Para o autor, os estudos que atribuem a miséria unicamente à ordem social e econômica são estudos superficiais, que levam em conta mais as exceções do que as regras, desconsiderando as causas biológicas:

O problema, pois, da subsistência, não está ligado estritamente à questão social da melhor distribuição dos bens econômicos, mas à *melhor distribuição dos bens genética dos bens físicos, psíquicos e intelectuais*. A situação que cada um de nós desfruta na sociedade não decorre da fortuna recebida de nossos pais, porém da nossa capacidade de conservá-la. *Constitue erro atribuir todas as desgraças e injustiças sociais ao sistema denominado capitalista ou outro qualquer*. Não se nega a existência de exemplos de injustiças, porém esses como exceção, e não como regra. Na distribuição de favores de que gozam alguns elementos deve-se ter em conta, sobretudo, as condições, bio-sociais favorecedoras e não apenas as condições econômicas que facultam a vitória dos mesmos. Exemplos não faltam de indivíduos paupérrimos que se elevam pelo próprio esforço e de elementos que nasceram em lares ricos, socialmente bem situados, mas que acabam na mais triste miséria, senão eles próprios, os seus filhos ou netos. (Kehl, 1957, p. 162, grifo nosso)

Ao longo da obra de Kehl, é possível notar ideias contraditórias. Em um determinado momento, o autor tece críticas a respeito daqueles que indagam e se posicionam contrariamente a certas questões. Conforme o próprio autor designa, esses seriam os tipos indisciplinados. Em *Tipos Vulgares* (Kehl, 1927), ele afirma que: “[...] os indisciplinados constituem uma legião. Como reflexo dessa onda avassaladora temos as desordens políticas, econômicas, sociais e familiares” (p. 131). Porém, em Kehl (1957), o autor questiona aqueles que aceitam passivamente aquilo que é imposto, caracterizando tais indivíduos como simplistas:

Além da facilidade com que acreditam em certas demonstrações, têm os simplistas a particularidade de simplificar o que é por natureza complexo [...] a tendência que revelam para acompanhar, com paixão, e muitas vezes, com intolerância, teorias ou ideologias nascidas em momentos de tempestade política ou social. Tornam-se partidaristas impenitentes pró ou contra o divórcio, o exame pré-nupcial, a instituição de determinada medida social ou política. [...] No geral são emotivos, neuróticos ou pré-psicóticos, sobretudo introvertidos, daí resultando apearem-se com muita facilidade a crenças e a superstições. (Kehl, 1957, p. 39)

Para fundamentar sua premissa, o autor recorre aos estudos de Gregorio Marañon, expoente das ideias eugênicas na Espanha. Por estar de acordo com Marañon, Kehl (1957) recupera as proposições do médico espanhol sobre o ato de duvidar das coisas e faz críticas ao

tipo simplista, pois duvidar é um ato de maturidade; um homem é mais maduro quanto mais ele puder vir a duvidar de algo.

Ao descrever a característica perversa, Kehl a designa como uma *superestrutura compensadora*, criada pelo indivíduo por ser incapaz de alcançar certas coisas. Neste sentido, completa: “A perversidade, pois, varia de acordo com a classe social e a educação. Nos indivíduos das escórias sociais ela é primitiva, retilínea, brutal; nos das camadas médias e elevadas, apresenta-se ora velada e torturante [...] menos selvagem.” (Kehl, 1957, p. 48). A tarefa de “esquadrinhamento” da perversidade, e de outras características da personalidade, caberia aos psicólogos, psiquiatras e psicanalistas.

[...] a perversidade torna-se, cada dia, e com aumento da população, mais sério problema de psicologia social; que o perverso de natureza constitucional [...] *a profilaxia da perversidade só poderá ser feita tendo em conta os preceitos da eugenia positiva e negativa.* (Kehl, 1957, p. 56, grifo nosso)

Em determinados momentos, Kehl cita a importância da transformação social, sua perspectiva de mudança até mesmo o ato de não querer mudar as coisas, dizendo que esses movimentos são sempre orientados a partir da perspectiva do indivíduo e da hereditariedade. Com isso, o autor recupera os estudos sociais do psicólogo francês Gustave Le Bon<sup>37</sup> (1841-1931):

Os afeitos à rotina prestam-se em muitos casos, para conter a aceleração dos avanguardistas e assim mantém o relativo equilíbrio social. A este propósito disse Le Bon: “a estabilidade necessária à existência da sociedade é precisamente mantida graças ao grupo compacto dos espíritos lentos medíocres, governados por influências da tradição e do meio.” (Kehl, 1957, pp. 82-83)

Ainda sobre a transformação social, Kehl assinala que a mediocridade e a feminilidade são núcleos de uma rotina social, e que existem tipos que aceitam com mais facilidade normas, regras e demagogias, como os *medíocres*, *miopráticos*, *hipocráticos* e as mulheres. Para o autor, estas últimas apresentariam certa tendência às ideias conservadoras, ao passo que os homens apresentam tendência para a transformação, e que, de forma antagônica e cruzada, tais ideias proporcionariam o equilíbrio social. Vale lembrar que, em sua obra, Kehl não considera que todas as mulheres sejam conservadoras, nem todos os homens renovadores. Porém, em sua análise, tais tendências são relevantes:

---

<sup>37</sup> Psicólogo e sociólogo francês, dedicou-se ao estudo do comportamento das massas e da superioridade das “raças”.

Pelo estudo detalhado, sistemático e estatístico da endocrinologia em suas relações com as indivíduo-personalidades chegar-se-á um dia à conclusão que a rotina individual como a rotina coletiva, resulta de fórmulas harmônicas; que existem indivíduos mais e menos rotineiros, como coletividades com maior ou menor percentagem destes tipos por contingência biotipológica; essa razão de algumas coletividades se alçarem rapidamente nos domínios do progresso e de outras se arrastarem com a lentidão de toupeiras. (Kehl, 1957, p. 86)

É evidente que, para Kehl, o progresso de uma sociedade dependia, em primeira ordem, da composição de uma nação repleta de indivíduos saudáveis e dotados de boa estirpe. Seguindo essas premissas, os princípios da eugenia vinham ao encontro de uma proposta de melhoramento da “raça” e, por conseguinte, da sociedade como um todo:

*O apego a velhas doutrinas ou credices e os velhos hábitos tem, indubitavelmente, raízes de ordem endocrinológica. A doutrina que cai deve dar lugar a outra que substituirá: o habito que é abandonado, deve dar lugar a outro que o sucederá. De modo sintético e bio-perspectivamente, as oposições ao progresso, às obstinações metafísicas, as ilusões quiméricas, são fenômenos reacionais de inadaptação ou de difícil adaptação. Aceitamos uma nova ideia, à custa da destruição de uma velha ilusão, por processo que requer reajustamentos sentimentais, intelectuais, reajustamentos estes acompanhados de emoções e inquietações, sobretudo quando contrariam tradições afetivas. A muitas mentalidades, certas “novidades” causam desencantamentos intoleráveis, por fazerem perecer velhas e caras recordações da infância ou da juventude. Certas concepções científicas arruinam lendas e ilusões que se pretendiam eternas. (Kehl, 1957, p. 87, grifo nosso)*

Para Kehl, a história da ciência e do progresso se refere à luta entre o “idealismo criador” e a “rotina emperradora”, e aqueles que almejam a transformação social são “idealistas”. Assim, os indivíduos que não desejam o progresso não o desejavam porque não compreendiam sua importância. Seguindo essa proposta, Kehl (1957) assinala a importância da ciência e até mesmo do respaldo da psicologia no que diz respeito às questões sociais:

O problema da rotina acha-se aberto a todos que se dedicam à psicologia social, à psicocrítica, à caracteriologia, como um dos mais interessantes elementos para explicar a origem de tantos retrocessos, de tanta estagnação, de tão graves obsessões que tem custado mais do que esforços, lutas e sofrimentos, porque têm ocasionado a morte de tantos idealistas e benfeitores da humanidade. (p. 89)

Para Kehl, o homem é resultado de contingências naturais e sociais, sendo produto de três aspectos: hereditário, meio e educação, com predominância do primeiro aspecto sobre os demais. Nesse caso, o autor não desconsidera o elemento civilizatório no processo de constituição dos homens, pois, para ele, a civilização “complicou” a vida quando impôs ao homem recalques e domesticou seus instintos, artificializando então, a natureza humana. Desse modo, “[...] tornou-o incompreendido e incompreensível, elemento desarmônico,

prenhe de necessidades, de desejos, exaltado do ego, suscetível [...]” (Kehl, 1957, p. 94). O autor considera que o *eu individual* estaria em choque com o *eu social* e, portanto, seria possível um *reajustamento* deste embate, ocasionando o aperfeiçoamento da espécie. Este reajustamento seria possível porque, para Kehl, a humanidade vivia uma fase de *evolução melhorista*, na qual a luta de adaptação passava por momentos de intensificação. Considerando que a eugenia foi influenciada pelas ideias de Charles Darwin (1809-1882), isto é, que as proposições darwinianas sobre evolução da espécie poderiam ser aplicadas à espécie humana, faz sentido encontrarmos discussões sobre evolução e adaptação na obra de Kehl.

Kehl (1957) destaca os tipos *mórbidos* como importantes para serem estudados por psicólogos, sociólogos e até mesmo por aqueles que se encarregavam da “profilaxia das dissenções familiares, sociais, da perversidade e do crime” (p. 96.) Ao falar sobre as características humanas, Kehl recupera também o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e o conceito nietzschiano de *psicopatológico* para esclarecer os sentimentos dos indivíduos que padecem do “complexo da emotividade doentia de inferioridade”. Em razão de uma predisposição sentimental, indivíduos em situação de recalque, desencadeiam sentimentos e emoções que são inerentes à natureza humana.

[...] o “complexo-patológico” de poderosa e sutil influência na conduta individual, sendo plausível admitir que todos os elementos perturbadores, da harmonia social são por ele atingidos. O ressentimento gera a contradição, faz o indivíduo manifestar-se exatamente contra o que mais almeja: se é pobre, odeia a riqueza, se é feio, detesta o belo [...] Ninguém deprecia mais os que têm do que os que pouco ou nada possuem. [...] poder-se-á, sem perigo de engano, considerar esse alguém vítima de incapacidade para alcançar o que ambiciona [...] (Kehl, 1957, p. 97)

No capítulo intitulado, *Amantes da dor*, Kehl, discute a respeito daqueles que procuram ou não se eximir de dores, sofrimentos, inquietações. Especialmente neste capítulo, é possível verificar como a psicanálise<sup>38</sup> oferece respaldo às ideias de Kehl.

Segundo os psicanalistas, a necessidade de sofrer decorre de paradoxal reação de defesa, assim explicada: com o sofrimento ou autopunição, que o indivíduo inconscientemente infringe a si próprio, ele visa afastar o temor de um perigo sofrido na infância ou na juventude. Pela regra, estes fatos sobrevêm aos indivíduos constitucionalmente débeis e tímidos, sensíveis aos

---

<sup>38</sup> “Método de Freud que consiste em descobrir, nos psicopatas, as causas das perversões inconscientes, dos desejos ocultos e das tendências imorais da libido. Para atingir esta finalidade os psicanalistas recorrem à análise das ideias espontâneas, dos atos fâlhados e, sobretudo, dos sonhos”. (Kehl, 1957, p. 362).

castigos recebidos quando crianças e que lhes imprimiram no subconsciente a persistência de falta, dando origem a um investimento psíquico libidinal. (Nacht<sup>39</sup>). (Kehl, 1957, p. 113)

Quando, por exemplo, discorre sobre o tipo *amorista* que, segundo ele, são aqueles que possuem uma “necessidade de perpetuação da espécie”, afirma: “Sem entrar na seara freudiana das teorias psicanalíticas, procuraremos evidenciar apenas alguns fatores ligados à caracteriologia dos amoristas.” (Kehl, 1957, p. 199). Ainda que afirme o não aprofundamento de tal teoria, o autor recorre a questões libidinais, eróticas e sexuais para explicar tal tipo. Alfred Adler (1870-1937), psicólogo austríaco que se dedicou ao estudo da psicologia individual, também aparece nas proposições de Kehl, quando o autor explica sobre os tipos *donjuanistas*. Segundo Adler, *apud* Kehl (1957), “Don Juan [...] é um homem que duvida da própria masculinidade e procura, com repetidas conquistas, provas adicionais de sua existência.” (p. 201). Ainda com relação aos estudos de Adler, tais proposições são utilizadas para explicar a avareza:

Alguns psicanalistas opinam que a avareza e a tendência à agiotagem estão ligadas ao “complexo de castração<sup>40</sup>”, isto é, de dominar e conquistar. [...] O dinheiro não significa para eles outra coisa que o amor transfigurado e sublimado pela libido! [...] O avaro, a julgar pelo que dizem certos psicólogos, não guarda ciosamente o dinheiro como recurso para caso de necessidade, ou como reserva [...] *Ele quer o dinheiro, independente dos bens que representa*. Adora-o, e de tanto deseja-lo, poupá-lo acaricia-lo, acaba por transformar a sua posse numa sublimação, como acontece aos que recalcam certos desejos instintivos, não lhes dando a vazão fisiológica. (Kehl, 1957, pp. 203-204)

Ainda a respeito das correlações com o campo da psicologia, Kehl destaca a importância que a psicologia deve atribuir à capacidade dos homens em se interessar pelas coisas, porque essa habilidade pode revelar o caráter e a inteligência, além de revelar questões particulares de cada sujeito. Os homens deveriam conhecer e aprender sobre a importância e a responsabilidade da “boa procriação”. Para tanto, a curiosidade e o interesse deveriam ser orientados para estes aspectos. A educação, afirma o autor, não poderia fazer com que um indivíduo fosse mais curioso, mas poderia torná-lo “melhor curioso” e com isso seria possível estimular o progresso individual e social.

---

<sup>39</sup> Sacha Nacht (1901-1977), foi um psiquiatra e psicanalista nascido em Racaciuni, na Romênia. Desenvolveu seus estudos em Paris e foi influenciado pelas ideias psicanalíticas de Sigmund Freud. Seus trabalhos abordaram a *técnica psicanalítica*, o *eu* e o *masoquismo*. (Roudinesco & Plon, 1998).

<sup>40</sup> O termo aparece entre aspas porque, segundo Kehl (1957), o mesmo é extraído a partir do pressuposto de Adler a respeito do protesto viril contra o sentimento de inferioridade. Segundo o autor, esse complexo seria “[...] castração psíquica. Nos nevrosados de origem, ela sobrevém após ameaça de amputação do membro, ocorrida na infância, ameaça amedrontadora que o indivíduo conserva, indelével, no subconsciente, dando causas mais tarde, a perversões sexuais ou a aberrações psicossociais de várias ordens.” (p. 340).

Por fim, Kehl considera que não existe personalidade perfeita e tampouco um homem ideal, pois para isso seria necessário apresentar quatro “harmonias biológicas”, de acordo com a classificação de Nicola Pende<sup>41</sup>. Essas harmonias seriam manifestadas na forma da beleza, da saúde, da bondade e da sabedoria. Para representar o “homem equilibrado<sup>42</sup>”, ou uma indivíduo-personalidade ajustada, seguindo os ideais da caracteriologia, é necessário partir do princípio de que todos passam por “percalços da própria natureza”:

[...] nascem, crescem e vivem sob o desígnio de particularidades genotípicas e fenotípicas; todos, sob o império da luta pela vida e das contingências sociais e personalíssimas, se encontram expostos a choques e entrechoques, sujeitos a múltiplas forças deformadoras do corpo e recaladoras do espírito. Daí preconizar o método biológico de chegar ao conhecimento do “homem equilibrado” pelo estudo comparativo com os que apresentam manifestações evidentes de complexos, de intrincamento afetivo-volitivo e de aberrações psicológicas. (Kehl, 1957, p. 303)

No entendimento do autor, podemos admitir como tipos *equilibrados* os indivíduos que apresentam

[...] um bom funcionamento dos órgãos, portanto, sem doenças nem perturbações, cujas partes do corpo guardam relativa proporção entre si; do ponto de vista genético admite-se como tipo médio ideal aquele que se coloca pelo conjunto de qualidades no meio termo da curva de variação, estabelecida num prélio de grande número de indivíduos. (Kehl, 1957, p. 241)

A apresentação das obras de Kehl nos permitiu conhecer a compreensão do autor a respeito da formação da personalidade, bem como sua compreensão do papel da psicologia em tal processo. Isso faz com que seja necessário conhecer melhor o contexto da época para que possamos estabelecer correlação entre a produção de Renato Kehl e o desenvolvimento da psicologia no Brasil. Além disso, acreditamos ser importante tecer algumas considerações a respeito da atribuição exclusivamente biológica do autor à formação da personalidade.

---

<sup>41</sup> Nicola Pende (1880-1970) era médico endocrinologista, de origem italiana.

<sup>42</sup> Kehl (1957) considera um homem equilibrado aquele que apresenta funções “normais”, bem como reage satisfatoriamente às influências do meio ambiente e da sociedade.

O homem se fez sempre do todo material,  
de vilas feudais  
ou de bairro marginal  
toda época foi peça  
de um quebra-cabeça  
para subir a montanha  
do grande reino animal [...]

(El mayor, Silvio Rodriguez, 1975)

### CAPÍTULO III

## AS REFLEXÕES DE RENATO KEHL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A HISTÓRIA SOCIAL DA PSICOLOGIA

A queda do Império e, conseqüentemente, a implantação da Primeira República, em 1889, são acontecimentos históricos que possibilitaram o desenvolvimento das ideias eugênicas e a expansão dos saberes psicológicos no Brasil. Comumente abordamos tais assuntos de maneira paralela e sem estabelecer algum tipo de correlação entre eles. Por esta razão acreditamos ser importante pensar na convergência que há entre tais fatos.

Historicamente os acontecimentos políticos supracitados foram marcantes em razão da sua natureza econômica. Com a supressão da monarquia e do trabalho escravo haveria espaço para a consolidação do trabalho assalariado. Além disto, este momento representa a ruptura da sociedade com um determinado modelo político e sua necessidade de renovação, para que uma nova forma de governo fosse possível.

Fruto da ação de um grupo de oficiais e da instabilidade política, o quadro geral da Primeira República desenhava um país atravessado por divergências antagônicas entre os militares e a elite civil do antigo Império. Assim, o primeiro governo civil da República tem início em 1894 e “se estabilizava (...) na base de muita troca, empréstimo, favoritismos, negociações e repressões.” (Schwarcz & Starling, 2015, p. 322).

As conseqüências desses acontecimentos afetaram diretamente o desenvolvimento da psicologia. As transformações que operavam no campo político trouxeram a ideia de um novo homem para um novo país. Antunes (2004) assinala que tal momento pode ser considerado um marco no processo de autonomização da psicologia como campo de conhecimento, pois a formação da Primeira República favoreceu a instauração da psicologia como disciplina autônoma no ano de 1890, por intermédio da Reforma Benjamin Constant<sup>43</sup>. Por conta dessa Reforma, houve a transformação da disciplina *Filosofia* para *Psicologia e Lógica*, mais tarde haveria a criação da disciplina *Psicologia e Pedagogia*. A reforma educacional em tese aparece frequentemente nos escritos sobre história da psicologia por contribuir com a

---

<sup>43</sup> Conforme explica Moraes (1997), Benjamin Constant (1836-1891) foi um dos inspiradores do golpe republicano em 1889. Assumiu o cargo de Ministro de Guerra nos primeiros anos da República e promulgou a reforma do ensino militar no país durante esse período. Posteriormente, foi nomeado Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos. Constant acreditava que a modernização do país se daria por meio de uma reforma intelectual baseada em moldes positivistas de ensino. Neuhold (2013) explica que a perspectiva positivista foi transposta para o nível educacional, distanciando a educação da perspectiva humanista para apoiar-se em um ensino cientificista.

autonomização do conhecimento em psicologia. Todavia, é necessário lembrar dos princípios positivistas que arquitetaram tal reforma.

Apesar de não nos aprofundarmos em discussões a respeito dessa corrente filosófica, assinalamos que o positivismo acompanhava o projeto de desenvolvimento e progresso da Primeira República. O Congresso Constituinte de 1890 era predominantemente formado por intelectuais positivistas, o que influenciaria a Constituição de 1891:

Após o 13 de maio de 1888 e o 14 de novembro de 1889, estabelecidas no Brasil as premissas da ordem com a qual se identificavam filosoficamente, os positivistas tinham de definir seus novos objetivos. Expressão do estágio científico da evolução social, esta ordem nova abria caminho para o progresso constante do gênero humano. No dístico inscrito na bandeira republicana, a precedência da ordem (presente) sobre o progresso (futuro) repousava sobre o duplo progresso atingido no passado recente com a supressão da escravidão e da monarquia. (Moraes, 1997, p. 74)

O ideal positivista permeou inúmeros campos no início do século XX, e no que tange à história da psicologia, é recorrente tal influência no processo de expansão e consolidação dessa ciência:

O positivismo contribuiu para construir uma Psicologia que entendeu o fenômeno psicológico como algo desligado das tramas sociais, semelhante a qualquer outro fenômeno natural e, como tal submetido a leis que não podem ser alteradas pela vontade humana, mas apenas conhecidas. Sabemos que a psicologia precisou aderir a esses princípios para se firmar como ciência. (Bock, 2011, p. 32)

Ainda sobre essa questão, assinalamos as proposições de Massimi (2004) acerca da inter-relação entre o contexto da época e a necessidade de expansão de uma ciência que proporcionasse explicações para aquele momento. Assim, a psicologia passa a ser vista como uma alternativa científica frente às necessidades da época:

A primeira República, 1889-1930, inspirada nos princípios do positivismo e do liberalismo político, buscou construir uma identidade coletiva para o país, baseada numa concepção laica do homem e da sociedade. [...] perspectiva do Estado republicano e da necessidade da formação do cidadão deste Estado, a escola e a educação eram considerados como instrumentos privilegiados para a criação de uma mentalidade e de uma sociedade nova, e as novas ciências humanas surgidas no berço positivista eram vistas como meio importante para isto. O que estava em jogo neste processo era o modelo de homem e de sociedade civil a ser atuado no Brasil. (pp. 20-21)

Os anos finais do século XIX<sup>44</sup> indicavam que os saberes psicológicos passariam a ser incorporados pelos cursos de medicina, direito e de educação. A tese de doutoramento do médico Henrique Belford Roxo (1877-1969) intitulada *Duração dos atos psíquicos elementares nos alienados*, publicada no ano de 1900 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é um exemplo disso. Historicamente, este trabalho inauguraria uma nova forma de compreender a psicologia, que passa a ser associada à medição, à discriminação e ao estudo do comportamento, seguindo o modelo de ciência empírica e baseada nos pressupostos positivistas (Alberti, 1999). Além deste trabalho, salientamos também a pesquisa de Maurício Campo Medeiros (1885-1966) intitulada *Métodos em psicologia* (Pessotti, 1988). Com isso, podemos pensar que nesse contexto “[...] a Psicologia Científica – e não a Racional ou Filosófica – era considerada então um ramo da Biologia Humana, e deveria ser fundamento das investigações da mente sã e da perturbada, esta última, campo da Psiquiatria.” (Engelmann, 2006, p. 13).

Por volta de 1880, até 1890, o processo industrial brasileiro começa a despontar, ainda que em um ritmo lento se comparado ao desenvolvimento da indústria moderna de países cujos processos de industrialização encontravam-se em diferentes patamares. Prado Jr. (2008) assinala que não houve no Brasil a formação de um mercado de capitais, e ressalta o caráter restrito e individual do caso brasileiro na acumulação de capital. Tal fato afetou o processo industrial e fez com que a industrialização avançasse lentamente em razão da carência de capital. Segundo Prado Jr., o investimento de capital no ramo da indústria dependia de indivíduos que obtinham lucro com a agricultura, em especial com as lavouras de café.

Além das especificidades no campo da indústria, o país vivia um crescimento da população, com aumento na concentração populacional nas cidades e decréscimo na população rural. O êxodo rural acarretou mudanças e fez com que fosse necessário compreender este homem que agora vivia sob novas condições. Nesse contexto, a psicologia encontra espaço para conquistar e garantir sua autonomização teórica e científica para explicar quem era esse novo homem. Pessotti (1988) nos lembra que mesmo com o contexto favorável a tal autonomização e expansão, o núcleo da produção de conhecimentos psicológicos era marcadamente acadêmico, ainda que suas implicações tivessem repercutido no campo prático e social.

Recuperamos aspectos do processo de urbanização na primeira década do século XX, a fim de elucidar melhor tais transformações. Nesse período, o quadro geral da situação

---

<sup>44</sup> O ano de 1879 marca a criação do primeiro laboratório de psicologia experimental, em Leipzig, Alemanha, por Wilhelm Wundt (1832-1920). Entretanto, nos referimos à difusão dos saberes psicológicos no Brasil.

nacional ainda era predominantemente agrícola. O Anuário Estatístico do Brasil (2016) nos mostra que em 1920, 30.635.605 milhões de pessoas viviam no Brasil. Neste total, a maioria se dedicava à agricultura, enquanto uma pequena parcela trabalhava na indústria. Apesar da predominância agrícola, já é possível perceber que estava em marcha o processo de desenvolvimento industrial no país:

Em 1907 realiza-se o primeiro censo geral e completo das indústrias brasileiras. Serão encontrados 3.258 estabelecimentos industriais com 665.663\$000 de capital, e empregando 150.841 operários. Quanto à distribuição geográfica da indústria, 33% da produção cabia ao Distrito Federal (capital da República, a que se podem acrescentar os 7% do Estado do Rio de Janeiro, vizinho e formando geograficamente na mesma unidade); 16% a São Paulo e 15% ao Rio Grande do Sul. Nenhum outro Estado alcançará 5%. Com exclusão do Rio de Janeiro, que continuava, como sempre fora no passado, a encabeçar a produção industrial, a transformação desde o tempo do Império fora considerável. Seria particularmente notável o caso de São Paulo que se tornaria logo o maior produtor do país, com a grande parcela de 40% do total. (Prado Jr., 2008, p. 259)

Na medida em que avançava o projeto político republicano, avançavam as decepções com este projeto, agravado pela crise oligárquica do início do século. Lahuerta (1997) afirma que a década de vinte do século XX marca as mudanças políticas e culturais no país e inaugura a gênese do *Brasil Moderno*. Nessa época, aumentam as tentativas de transformação das condições que estariam impossibilitando o Brasil de se desenvolver e se tornar uma nação forte.

Ao longo dos anos vinte desse século, a questão nacional e a popular ganham força no país. Isso impulsionaria o que seria conhecido como a Revolução de 30 e o Estado Novo, acontecimentos históricos que trariam à tona uma identidade intelectual que se via comprometida em construir um projeto de modernidade para o país. Em razão da crise do projeto político da Primeira República, a ideia de um Estado moderno ganhou terreno, e o anseio por reformas que viabilizassem uma nação forte se tornaria pauta da intelectualidade brasileira. Com isso, “desenvolvimento, progresso, modernidade, superação do ‘atraso’ nacional, [...] são algumas das bandeiras perseguidas pelo que há de melhor na intelectualidade.” (Lahuerta, 1997, p. 107).

A ideia de progresso, modernidade e urbanização viriam acompanhadas de um projeto civilizatório para o país. Nesse momento as tentativas de interpretar a sociedade são ampliadas, aumentando, por sua vez, o anseio por mudança. A ideia de mudança, capitaneada principalmente por uma elite intelectual, esteve articulada à atuação do Estado. Isso

fortaleceria o projeto de um Estado forte e centralizado, fato que se consolidaria em 1930, no período do Estado Novo. Embelezar e modernizar as principais cidades do Brasil se tornou uma necessidade, embora isso pedisse o afastamento da pobreza para os subúrbios:

Foi com esse intuito “civilizatório” que o presidente Rodrigues Alves (1902-1906) montou uma equipe técnica para fazer do Rio de Janeiro uma vitrine para os interesses estrangeiros – começava o período conhecido como Regeneração. (Schwarcz & Starling 2015, p. 327)

Em sintonia com esse novo retrato do Brasil, os intelectuais brasileiros que estavam ligados ao movimento sanitarista se tornariam personagens centrais nessa mudança de foco. (Souza, 2006). A saúde da população entra em pauta e se torna uma preocupação nesse contexto, visto a forte incidência de doenças tropicais e aquelas que eram legados de períodos como a escravidão, a imigração<sup>45</sup> e o êxodo rural à cidade. A preocupação com tais questões sanitárias abria espaço para discussões a respeito da miscigenação do povo brasileiro, fazendo com que teorias como o darwinismo social e da antropologia criminal assumissem certa centralidade nas discussões dos grupos de intelectuais. Dessa forma, o debate científico assumia papel central, assim as questões históricas do país, bem como suas consequências passariam a ser compreendidas e explicadas pela ordem da ciência, e não mais pela via da história.

Os discursos dos médicos sanitaristas ancorados pelo poder do discurso científico passaram a guiar as iniciativas em prol de questões nacionais da época, tais como os problemas de ordem sanitária, o êxodo urbano, o início do desenvolvimento das indústrias nacionais, etc. Tais iniciativas estavam intimamente vinculadas e comprometidas com o desenvolvimento do capitalismo brasileiro:

O interior do país foi percorrido por viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz, que levaram a saúde do litoral ao encontro dos sertões brasileiros. Entre 1907 e 1913, regiões do interior paulista, de Minas, da Bahia, os vales do São Francisco e do Tocantins, alcançando até a Amazônia, entraram na rota de tais expedições higienistas. Esse projeto médico era parte, ademais, de um movimento nacionalizante que considerava as “patologias da pátria” (as pestilências ou epidemias) fatores emergenciais. Isso sem falar da lepra, da sífilis e da

---

<sup>45</sup> Os esforços para atrair imigrantes para o Brasil era uma iniciativa que teve início já no período imperial, mas seria intensificada no início do século XX, durante o período republicano. A imigração teria uma série de consequências no âmbito político, cultural e social. A mistura de hábitos culturais distintos e as condições de vida dos imigrantes resultaria em discussões e questionamentos por parte da elite local a respeito da higiene, da transmissão de doenças e até mesmo de oposição a organizações políticas. Esse foi o caso da adesão de muitos imigrantes italianos à corrente anarquista, por exemplo. Nesse período, cerca de onze milhões de imigrantes vieram para a América Latina, e 33% desse contingente ingressou no Brasil. Entre 1877 e 1903, 71 mil imigrantes entraram no país. Desse total, 58,5% eram italianos. (Schwarcz & Starling 2015).

tuberculose, as que mais matavam no país. As “patologias do Brasil” pareciam atingir a todos, mas os grandes alvos—além dos sertanejos, caipiras e populações do interior— foram os escravos, os habitantes pobres da cidade, os moradores dos cortiços e favelas, os imigrantes, trabalhadores e os camponeses. (Schwarcz & Starling, 2015, p. 330)

Mencionamos uma dessas iniciativas no início deste trabalho: o engajamento dos médicos na criação da *Liga Brasileira de Higiene Mental* (LBHM), além de outros profissionais que estiveram comprometidos com a questão da saúde e da psicologia. A proximidade entre as aspirações políticas higienistas da sociedade e o papel da psicologia enquanto ciência explica a importância de reconhecermos a participação dos médicos higienistas na expansão dos saberes *psi* no país. A saber, assinalamos a criação do primeiro laboratório de psicologia no Brasil, o *Pedagogium*<sup>46</sup>, fundado em 1906, dirigido pelo médico higienista Manoel Bomfim (1868-1932)<sup>47</sup> na cidade do Rio de Janeiro e que ficou conhecido como o primeiro laboratório de psicologia experimental. De acordo com Borges (2011), tal laboratório servia de espaço para a congregação de educadores, e ficou reconhecido como a primeira instituição que deu abertura para a psicologia da educação:

Neste contexto é que ocorre, nas primeiras décadas do século XX, a introdução da Psicologia enquanto base científica dos métodos pedagógicos, sobretudo no que diz respeito à formação dos professores nas escolas normais, propondo novos objetivos do processo educacional: não mais a formação do indivíduo conforme um ideal filosófico ou religioso, e sim sua adaptação ao ambiente, baseada na afirmação de que todo indivíduo é dono e construtor de sua própria experiência de vida e de seus princípios. (Massimi, 2004, p. 21)

Em 1907 houve também a criação de um laboratório de psicologia no *Hospício Nacional dos Alienados*, dirigido por Maurício Campos de Medeiros no Rio de Janeiro. O laboratório foi o da *Colônia de Psicopatas* do Engenho de Dentro, e contou com a participação de Gustavo Riedel (1887-1934), psiquiatra que também participou da criação da LBHM. Em 1937 este laboratório seria incorporado à *Universidade do Brasil* e dirigido pelo psicólogo polonês Waclaw Radecki (1887-1953)<sup>48,49</sup> (Pessotti, 1988).

---

<sup>46</sup> Esse laboratório foi criado por Ruy Barbosa em 1890. Em 1906, nesse mesmo local, cria-se o *Laboratório de Psicologia*, que foi planejado por Binet em Paris e contou com a colaboração de Manoel Bomfim.

<sup>47</sup> Médico e educador cuja relevância no campo do desenvolvimento da psicologia é historicamente reconhecida.

<sup>48</sup> É importante destacar a relevância desse psicólogo no desenvolvimento de pesquisas envolvendo a questão da fadiga dos trabalhadores, aplicação de testes, orientação profissional e inclusive sua dedicação à formação de profissionais de psicologia.

<sup>49</sup> Em 1932 esse laboratório se tornaria o *Instituto de Psicologia* do *Ministério da Educação e Saúde Pública*. Houve também a participação da *Liga Brasileira de Higiene Mental* (LBHM) na criação de um laboratório de psicologia em 1923, dirigido por Alfred Fessard (1900-1982), em seguida por Plínio Olinto, e, posteriormente, por Maria Brasília Leme Lopes (1909-1996). Nesse laboratório ocorreram os *Seminários Brasileiros de*

As reformas educacionais do início do século XX abrangem os princípios da escola nova, e encontraram na psicologia um respaldo para a prática pedagógica, desenvolvimento infantil, processo de aprendizagem. Os testes psicológicos e pedagógicos eram as ferramentas principais no campo da educação. De maneira geral, as Escolas Normais instituíram o desenvolvimento da psicologia no país, se tornando

[...] essenciais para o desenvolvimento da Psicologia e, certamente, protagonistas de primeira grandeza no processo de autonomização da Psicologia no Brasil. Sua tarefa consistiu em divulgar e difundir o conhecimento psicológico produzido na Europa e nos Estados Unidos por meio do ensino, da produção de obras e da vinda de importantes psicólogos estrangeiros. Foram importantes pela produção de pesquisas; pela formação de profissionais que viriam a fazer parte do grupo de pioneiros da Psicologia; pela introdução dos conhecimentos da área em intervenções práticas e por terem sido o alicerce para a introdução da Psicologia como matéria do ensino superior. (Antunes, 2004b, p. 119)

No retorno à introdução da psicologia no Brasil, observamos o quão frequente são as menções das iniciativas dos médicos integrantes da LBHM na expansão dessa ciência. Sem desconsiderar as particularidades, propostas e divergências ideológicas entre esses intelectuais, é possível dizer que eles eram adeptos tanto ao ideário da higiene mental como da eugenia. Tais ideários devem ser entendidos como produtos de seu momento histórico e, portanto, como uma forma de pensar recorrente àquela época. Ao partirmos desta compreensão, evitamos uma inapropriada tentativa de separação entre quais intelectuais eram considerados eugenistas e quais eram higienistas e passamos a entender que as propostas e iniciativas destes intelectuais dialogavam entre si<sup>50</sup>.

Haja vista tais considerações é possível dizer que o engajamento de Renato Kehl junto aos membros da Liga<sup>51,52</sup> indica a proximidade do autor com os estudos e as iniciativas em

---

*Psicologia e as Jornadas Brasileiras de Psicologia.* Tais atividades tinham o intuito de divulgar os estudos realizados no campo da psicologia.

<sup>50</sup> Recuperamos a relação de membros titulares da Liga Brasileira de Higiene Mental no ano de 1929 e assinalamos alguns dos eugenistas apontados ao longo deste trabalho. Julio Porto Carrero (1887-1937) era membro da *Seção de Medicina Legal e Prevenção da Delinquência*, Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) era membro da *Seção de Educação e Trabalho Profissional* e Renato Kehl (1889-1974), da *Seção de Medicina Geral e Especializada em suas relações com o Sistema Nervoso*. O médico e professor Miguel Couto (1865-1934) fundou a *Sociedade Eugênica de São Paulo* juntamente com Renato Kehl, e era um dos Presidentes de Honra da LBHM.

<sup>51</sup> Kehl foi nomeado para atuar no *Departamento Nacional de Saúde Pública*, cargo que ocuparia durante sete anos e faria com que suas discussões estivessem pautadas em medidas de eugenia preventiva, em defesa da medicina social e da profilaxia de doenças. Ao final dos anos 20 e início dos anos 30 do século XX, as ideias desse intelectual começam a ganhar outros direcionamentos. Kehl se afasta do movimento médico sanitário e fica mais condescendente às medidas de eugenia negativa, pelo fato de as considerar mais radicais. (Wegner & Souza, 2012).

prol da expansão e autonomização da psicologia. Assim, o desenvolvimento dos saberes psicológicos no país, em sua história, não se descola, ou pelo menos não deveria descolar-se, das discussões feitas também pelos eugenistas.

### **3.1. Radicalidades e correlações com a psicologia na trajetória de Kehl**

Quando pensamos sobre a trajetória intelectual de Kehl e as condições do contexto nacional e internacional, o período entre guerras e o pós-guerra são “[...] um dado importante para compreender as rupturas e permanências do desenvolvimento do seu pensamento”. (Carvalho, 2016, p. 52). Nesse sentido, a radicalidade das medidas eugênicas do autor e suas correlações com os saberes psicológicos podem ser compreendidos a partir do contexto da época. Para entendermos melhor essa questão, recuperamos algumas especificidades dos conflitos bélicos.

Uma das consequências da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) para o Brasil foi o aumento da vida urbana e o favorecimento do ramo industrial. O país ainda era norteado pela política econômica cafeeira e apresentava características agrárias e patrimonialistas, embora nesse período já houvesse um estímulo à industrialização. Essa desarmonia econômica entre o industrial e agrário pode ser entendida como resultado da influência exportadora e importadora que os países envolvidos no conflito bélico e os Estados Unidos exerciam sobre o país. No pós-Guerra, estaria reservado à indústria o potencial para o desenvolvimento da economia nacional. No entanto, esse processo se mostra gradual e passamos a ter uma retomada da produção e comercialização do café, que reservou ao setor industrial características locais e fez com que este absorvesse a imensa população concentrada nas zonas urbanas, tal como São Paulo. (Granziera, 1997).

Somado a isso, o país vivia intensas divergências políticas e partidárias, protagonizadas por uma porção da elite política brasileira. Esse contexto resultou no golpe que levaria Getúlio Vargas (1882-1954) ao poder e terminaria na derrubada da Primeira República, ocasionando intensas mudanças no cenário brasileiro, inclusive na ampliação dos projetos de desenvolvimento industrial no país. Uma das características desse momento,

---

<sup>52</sup> Após o fechamento da *Sociedade Eugênica de São Paulo*, em 1919, Renato Kehl deslocou-se para o Rio de Janeiro, onde deu continuidade ao seu interesse pelo estudo da eugenia. Nessa cidade, Kehl não conseguiu organizar uma nova sociedade eugênica, contudo, encontrou espaço para suas discussões no campo da higiene mental. Assim, envolve-se ativamente em atividades da LBHM a partir de 1925. A partir de 1929, a relação de membros da Liga que contemporizavam com o ideário da eugenia era ainda maior. A saber, citamos Juliano Moreira (1873-1932), Miguel Couto (1865-1934), Fernando Magalhães (1878-1944), Afrânio Peixoto (1876-1947), Henrique Roxo (1877-1969) e Antônio Austregésilo (1876-1960) (Stepan, 2005).

especialmente nos anos que sucederam a Primeira Guerra, tem a ver com a diminuição das importações dos países envolvidos no conflito bélico e a redução da taxa cambial. (Prado Jr., 2008).

Nesse cenário, entra em cena o trabalhador industrial. Em consequência disso, [...] a cidade exhibe agora uma diversificação mais profunda do trabalho manual: o trabalho da construção civil, o dos serviços públicos, o dos profissionais liberais e o trabalho industrial.” (Granziera, 1997, p. 138). Essa diversificação pode ser notada em *Tipos Vulgares*. Nessa obra, Kehl não aborda especificamente a psicologia do trabalho, embora destaque a importância da criação de *tests*<sup>53</sup> para avaliar os níveis de inteligência, raciocínio, atenção, dentre outras características individuais dos homens. De acordo com o autor, tais *tests* seriam relevantes para analisar o indivíduo e contribuir nos “casos de empregar a sua atividade em cargos de responsabilidade, como os de guarda, de caixa, de motorista, de maquinista, de aviador ou mesmo de simples auxiliar, em serviços que demandam cuidados especiais.” (Kehl, 1927, p. 108). Na segunda obra sob análise, o posicionamento com relação a essa área da psicologia torna-se ainda mais evidente. Segundo Kehl (1957) “[...] a psicologia do trabalho ou ergologia constitui, presentemente, matéria de alta expressão utilitária.” (p. 18).<sup>54</sup>

Ainda sobre a terceira década do século XX, Alberti (1999) defende que a psicologia experimental ganha força no país e assume um papel importante no que diz respeito à separação da psicologia do campo da moral e da ética. Ou seja, a “antiga” psicologia, antes atrelada à filosofia e à ética, se aproxima, no século XX, do campo da experimentação, adaptação, observação e até mesmo da comprovação. Esse momento histórico da psicologia pode ser notado na obra de Kehl, no início de *Psicologia da Personalidade*, quando o autor destaca a transformação da psicologia de “palavrosa e especulativa” para “objetiva e prática”. Ainda que o autor não explicita a origem de todos os estudos citados por ele, é possível constatar como o autor recupera os fatos e se baseia em estudos de natureza empírica para fundamentar suas preposições. Notamos, assim, como o desenvolvimento industrial opera no percurso científico da psicologia e nas ideias de Kehl.

---

<sup>53</sup> É importante assinalar que em 1924, três anos antes da publicação de *Tipos vulgares*, o jornalista, professor e político Medeiros e Albuquerque (1867-1934) publica o livro intitulado *Os tests*, considerado o primeiro livro a tratar sobre o estudo de testes psicológicos no país. (Centofanti, 1982).

<sup>54</sup> Antunes (2006) aborda a inter-relação do momento dominado pela ideologia do “nacional-desenvolvimentismo”, caracterizado pela intervenção do Estado na economia em busca da substituição de importações, e o desenvolvimento da psicologia do trabalho. O desenvolvimento da psicologia organizacional se deu especialmente em instituições públicas. A psicologia passou a ter como demanda o recrutamento racional de trabalhadores para postos de trabalho. Nesse sentido, a avaliação de aptidões e habilidades passou a ser vista como uma alternativa congruente às necessidades da época. Mancebo (1997) explica que, a partir de 1930, a organização racional do trabalho passou a ser uma das principais bandeiras para o desenvolvimento industrial, trazendo efeitos positivos.

Um ponto importante a ser destacado é a relação entre Brasil e Alemanha no período entre guerras. Granziera (1997) menciona que, apesar de afetada economicamente, a Alemanha conseguiu preservar-se no campo industrial e estreitaria os laços com o Brasil, em especial no campo da exportação de equipamentos de fábricas – em sua maioria, fábricas de cerveja. Isso nos possibilita compreender a proximidade de Kehl com o país em questão e os esforços nacionais para alavancar economicamente o país, em especial no ramo da indústria.

Em abril de 1928, um ano depois de publicar *Tipos Vulgares*, Kehl viaja para a Alemanha e permanece por cinco meses. Nesse momento, as ideias eugênicas se propagam a todo vapor em território alemão<sup>55</sup>. Isso colabora para que o médico confie ainda mais na possibilidade de criar condições para o estabelecimento de uma cultura eugênica no Brasil. Quando nos referimos à intensidade com que a Alemanha incorporou as ideias eugênicas em seus projetos políticos, não podemos nos esquecer das condições desse país após o final da Primeira Guerra Mundial em 1918. Isso inclui a perda de territórios, punição por parte dos países vencedores (Estados Unidos, França, Inglaterra e Rússia), diminuição do exército nacional, dívidas, alto nível de mortes decorrentes das batalhas enfrentadas na Guerra, dentre outros aspectos. Essas condições adversas colocaram a Alemanha em uma posição de necessidade de buscar, urgentemente, alternativas de recuperação econômica nacional. Com isso, um projeto que articulava a ideia de “raça” forte para alcançar o progresso da nação foi ao encontro das demandas da burguesia alemã daquela época:

Seu diálogo intelectual gradualmente deslocava-se do paradigma eugênico latino-americano para aquele de estilo anglo-saxônico e germânico, atraído pela ascensão de ideias eugênicas mais radicais que emergiam em países como a Alemanha e os EUA, cujas medidas procuravam impedir a reprodução dos sujeitos tidos como inaptos. Esse processo de ruptura [...] teria iniciado no final dos anos 1920, quando Renato Kehl se desligou do Departamento Nacional de Saúde Pública para dedicar-se exclusivamente às funções de diretor da Indústria Química e Farmacêutica Bayer do Brasil, [...] A função como diretor de uma indústria alemã e suas seguidas viagens ao norte da Europa, aliadas à boa receptividade da eugenia no Brasil e às polêmicas que essas ideias vinham suscitando no meio intelectual, contribuíram para um processo de mudança não apenas em sua carreira profissional, mas também em suas posições ideológicas e na maneira de conceber a realidade antropológica brasileira. [...] a partir do final dos anos 1920 as ideias e concepções defendidas por eugenistas alemães e norte-americanos passariam a ser constantemente citadas nos trabalhos de Renato Kehl, servindo como

---

<sup>55</sup> Destacamos alguns dados que comprovam a expansão do nazismo na Alemanha, especialmente no meio acadêmico entre médicos, advogados, engenheiros, etc. 41% dos 10.000 alunos das universidades politécnicas alemãs e 48% dos 37.000 alunos das universidades não-técnicas votaram a favor dos nazistas nas eleições estudantis. De um total de 367.000 engenheiros, arquitetos e químicos alemães, 7.000 pertenciam ao partido nazista em 1933. Após esse ano, o número de membros de tal partido cresceu em 230%. Nesse crescimento não estavam inclusos apenas acadêmicos e profissionais, mas também membros da sociedade civil, em especial da classe média alemã. (Herf, 1993). Sobre essa questão, vale lembrar que Renato Kehl tinha proximidade com os acadêmicos e profissionais alemães.

referência primordial para a formulação de seu radical projeto eugênico. (Wegner & Souza, 2012, pp. 3-4)

Os posicionamentos ideológicos e as propostas radicais de aplicação das medidas eugênicas, por parte de alguns intelectuais, desencadearam, entre as décadas de vinte e de trinta do século XX, divergências no campo de aplicação da eugenia. Um exemplo disso são os posicionamentos de Renato Kehl e Edgar Roquette-Pinto, em que o primeiro fazia a defesa de medidas eugênicas radicais, ao passo que o último defendia medidas de caráter mais pedagógico. Assinalamos tais divergências em maior detalhe no capítulo 2, visto que elas interferem na trajetória intelectual de Renato Kehl. Em um dado momento, o Kehl defende que a melhoria da “raça” seria possível tendo em vista medidas de eugenia positiva e em sintonia com as propostas do movimento sanitarista da época, e isso implicaria uma determinada forma de articulação entre os saberes eugênicos e a psicologia. Sua guinada à radicalidade implicaria outra forma de relacionar os preceitos da eugenia com a psicologia, de maneira que o autor se apropria dos saberes psicológicos na tentativa de assegurar a viabilidade e necessidade das propostas eugênicas.

### **3.2. A psicanálise e psicologia na obra de Kehl**

A partir do estudo das obras analisadas neste trabalho é possível destacar outro aspecto que permeia a obra de Renato Kehl: o uso de preceitos teóricos da psicanálise e a forma como tais preceitos aparecem correlacionados com a psicologia, dado que o autor ora se embasa na psicanálise, ora na psicologia para fundamentar seus posicionamentos. Em *Tipos Vulgares*, Kehl fala sobre a necessidade de compreensão dos indivíduos e faz breves considerações acerca de cada perfil psico-crítico. Vemos, nesse caso, que a psicologia e a psicanálise não aparecem como teorias predominantes ao longo da obra. Em contrapartida, em *Psicologia da Personalidade*, Kehl se mostra mais maduro com relação as suas proposições, correlacionando-as, frequentemente, com outras áreas científicas, e tornando mais evidente a demonstração de como o autor encontra, na psicologia e na psicanálise, subsídio para as propostas eugênicas. De acordo com Alberti (1999), a consolidação da psicologia científica fez com que a psicanálise fosse incorporada aos discursos psicológicos com um objetivo: “esquadrinhar e adaptar” o homem, tal como a psicologia experimental, amplamente difundida como sinônimo de psicologia científica.

O desenvolvimento da psicanálise no Brasil antes de 1940 pode ser entendido partir de duas perspectivas, conforme explica Russo (2002):

De um lado, a acolhida favorável no campo psiquiátrico, sem que houvesse qualquer interesse em afirmar a especificidade da nova teoria, ao contrário, a tendência sendo acoplá-la aos antigos pressupostos organicistas vinculados à teoria da degenerescência. De outro, a concomitante difusão mundana e leiga, anterior a qualquer processo de institucionalização. (p. 53)

A difusão dessas ideias se deu por meio dos intelectuais de vanguarda – chamados de “grupo modernista” pelos psiquiatras da época – e pela interpretação das ideias psicanalíticas como ferramenta de autoajuda. A incorporação de tais ideias pelo grupo médico que esteve engajado no projeto de construção de uma nação moderna nas primeiras décadas do século XX indicava a necessidade de ultrapassar as teorias deterministas que condenavam o desenvolvimento do país. Nesse sentido, a psicanálise parecia oferecer um debate acerca dessa questão ao colocar em voga o estudo da sexualidade e apresentando uma outra forma de compreender o povo brasileiro.

Do ponto de vista das teorias deterministas, a miscigenação implicava necessariamente a degeneração do povo. [...] A civilização, a educação dos instintos e das paixões é possível. Ao mesmo tempo, é possível fazer uma releitura da questão do primitivismo na medida em que o “primitivo” é deslocado para o interior do sujeito e o evolucionismo deixa de ser pensado de modo unicamente externo, para acoplar-se a uma espécie de “evolucionismo” interno. (Russo, 2002, p. 55)

Em sua obra, Kehl não se baseia somente em explicações de cunho psicanalítico, tampouco parece ter encontrado na psicanálise uma solução frente às críticas sobre a miscigenação da população. É possível dizer que essa teoria lhe respaldou na compreensão do ser humano, em especial no que diz respeito à personalidade. Kehl se dedicou a analisar a sexualidade como questão primitiva dos sujeitos, e isso é notório na segunda obra analisada, *Psicologia da Personalidade* (Kehl, 1957). Ao final dela, o autor apresenta o significado dos termos utilizados ao longo do ensaio, que pertencem, em sua maioria, ao campo da psicanálise. Mesmo reconhecendo o contato de Kehl com a teoria psicanalítica, não podemos afirmar que o autor encontrou nela uma alternativa para questionar a inferioridade do povo, conforme defende Russo (2002) sobre o posicionamento médico da época. Ao longo de seu texto, Kehl deixa claro sua posição favorável ao determinismo biológico e à degeneração do povo por conta da miscigenação, o que nos leva a crer que a teoria psicanalítica e os saberes da psicologia o auxiliaram a justificar a “inferioridade” do povo brasileiro.

É preciso lembrar que, no campo da psicologia e da psicanálise, existem embates a respeito da distinção entre elas, de maneira que uma não pode ser confundida com a outra. A diferença de cunho epistemológico embasa tal separação, haja vista que a psicanálise considera como objeto de estudo o inconsciente, enquanto que a psicologia se apoia, aparentemente e de modo geral, no estudo da consciência. De acordo com Pacheco Filho (2004) há também embates a respeito da psicologia direcionar seus estudos a partir de uma preocupação cientificista, ao passo que a psicanálise não se encaixaria nos moldes de ciência moderna:

Embora muitos acreditassem que tanto a Psicologia quanto a psicanálise receberam uma inestimável contribuição do estabelecimento dessa inter-relação entre os dois movimentos, essa opinião não se constituiu, de modo algum, um consenso. Muitos psicanalistas rezearam que a aproximação da psicanálise com a Psicologia descaracterizasse a primeira no que ela possuía de mais original e criativo. Temeram uma obsessão cientificista, tecnicista e pragmática, que acreditavam presente na psicologia americana, já estivesse influenciando negativamente o desenvolvimento psicanalítico naquele país. (Pacheco Filho, 2004, p. 216)

Os conflitos teóricos referentes ao debate psicanálise *versus* psicologia não apresentam caráter central para o desenvolvimento desse estudo. Porém, acreditamos ser necessário tecer algumas notas a respeito desse assunto, já que tanto a psicologia quanto a psicanálise permeiam as obras analisadas. Para Pacheco Filho (2004), um dos mais importantes fatores que contribuiu para a proximidade e uma possível fusão entre psicanálise e psicologia foi o fato de que, a partir da metade do século XX, o estudo e formação em psicanálise, que até então era exclusivo ao campo da medicina, passou a ser ofertado também para psicólogos. Isso nos permite inferir a aparente confusão feita por Kehl, se referindo a psicologia e psicanálise como teorias semelhantes.

Em *Psicologia da Personalidade*, constatamos que a psicologia e a psicanálise oferecem a Kehl conhecimento para compreensão do homem, mas também serviram de subsídio teórico para destacar a importância e necessidade da aplicação da eugenia, melhorando a “raça” e, conseqüentemente, desenvolvendo a nação:

No presente trabalho não tivemos preocupações didáticas, [...] Deixamos à margem as questões ligadas aos fundamentos biológicos da personalidade, de certo modo tratados em “Sexo e Civilização” e em “Lições de Eugenia” [...] para nos ocuparmos com a parte propriamente bio-social de tipos vulgares e de alguns invulgares, estes últimos a título de contraste esclarecedor. [...] Entendemos que a *divulgação das mazelas do caráter, sobretudo de suas causas, resulta em benefícios de ordem profilática e terapêutica* [...] Só pelo conhecimento dos defeitos próprios, dos motivos e conseqüências, conseguem os nossos

semelhantes valer-se dos recursos indispensáveis para “melhorarem”, quando “melhoráveis”, e para se “curarem”, quando “curáveis” (Kehl, 1957, pp. 17-18, grifo nosso)

Apresentamos, ainda, outro trecho em que o autor elucida como a psico-crítica poderia servir de ferramenta para melhoramento da “raça”:

Pela análise da psico-crítica da vulgaridade elucida-se a razão da existência de tão elevado número de infratores dos preceitos de paz e de harmonia nos lares como no seio da coletividade, tornando possível a defesa profilática contra esses elementos indesejáveis. Lastimável a ignorância que se observa em alta escala, no tocante às questões elementares de “psicologia da personalidade” para a escolha de um cônjuge, de um empregado, de um funcionário ou de um simples companheiro, assim como o desconhecimento generalizado e manifesto dos responsáveis pela disciplina nos colégios, oficinas, usinas e laboratórios, nos estabelecimentos. (Kehl, 1957, p. 18)

Podemos verificar nesses e tantos outros registros nas obras de Kehl que a psicologia e a psicanálise permearam suas discussões. Com base em tais registros podemos observar a trajetória dessas teorias durante as primeiras décadas do século XX.

### **3.3. Apontamentos sobre personalidade: a perspectiva histórica**

Ao longo das obras de Kehl estudadas neste trabalho, as afirmações sobre personalidade estiveram embasadas sob a perspectiva individual. Ou seja, toda interpretação do homem deve ser orientada, obrigatoriamente, por dois aspectos, o próprio homem, isto é, o homem mônada<sup>56</sup> e sua carga genética. É importante assinalar que, para Kehl, a individualidade humana é composta pelos atributos físicos e psíquicos de cada sujeito, e tais atributos, por serem suscetíveis ao meio, revelam-se na personalidade:

A individualidade representa o conjunto de atributos que caracterizam, fisicamente, o ser humano, enquanto a personalidade corresponde ao conjunto de atributos que o caracterizam psicamental e socialmente. Dentro deste critério, cabe a designação de indivíduo-personalidade ao homem total, símile de biótipo (...) com o sentido da soma das particularidades que identificam cada ser humano. (Kehl, 1951, p. 125)

Embora em determinados momentos o autor faça menção a acontecimentos da época, à educação e às relações sociais estabelecidas pelos indivíduos como fatores que possibilitam compreender a personalidade, tais aspectos não aparecem imbricados ao processo de

---

<sup>56</sup> Indivíduo compreendido como a parte da sociedade, isto é, as relações com a sociedade são secundárias em seu processo de desenvolvimento.

desenvolvimento humano. Pelo contrário, as relações sociais, ou seja, aquilo que Kehl considera como externo ao sujeito, apenas contribui para que as características hereditárias se manifestem. Desse modo, as relações sociais apresentam um teor subsidiário, e não elementar, ao processo de formação da personalidade.

Para contrapor as asserções de Kehl, tomamos como referência os pressupostos de Marx e Engels em *A ideologia Alemã*, ao afirmar que “[...] a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto de das relações sociais.” (2007, p. 534). Para compreender o homem e suas características individuais, é preciso levar em conta os aspectos referentes ao gênero humano. Nesse sentido, a individualidade e aquilo que pertence ao gênero devem ser compreendidos como “dimensões ou polos de um mesmo ser”:

A individualidade humana é produto da sociedade, pois apenas a atividade social supera as condições naturais de existência. A sociedade, e não o indivíduo isolado, rompe os limites naturais e só por seu intermédio pode se desenvolver a individualidade humana. [...] É somente através da sociedade que o indivíduo humano se constitui enquanto tal e não a partir de uma determinação natural imediata. (Teixeira, 1999, pp. 184-185)

Para Marx & Engels (2007) a relação entre indivíduo e sociedade apresenta um caráter de troca intrínseco. A sociedade é um produto histórico da atividade de uma série de gerações anteriores. “A forma de intercâmbio, condicionada pelas forças de produção existentes em todos os estágios históricos precedentes e que, por seu turno, as condiciona, é a *sociedade civil*.” (p. 39). De maneira semelhante, Chagas (2012) menciona o papel do indivíduo enquanto agente formador e elemento formado pela sociedade:

[...] as relações sociais são relações entre indivíduos humanos, quanto a própria sociedade é produto dos indivíduos humanos. Há, portanto, uma ação recíproca entre a sociedade e o indivíduo, entre o todo e a parte, ou seja, há uma conexão necessária entre indivíduo e sociedade, a saber: o indivíduo está vinculado às relações sociais, à sociedade, que o produz, mas, ao mesmo, ele também a produz. O indivíduo não é só produto da sociedade (das relações sociais), mas é produto e produtor da mesma. Marx não vê, portanto, o indivíduo como indivíduo em geral, fora da sociedade, mas no seu elo com o social, dentro das relações sociais, como uma determinação social. (p. 7)

Ainda sobre a questão da formação da sociedade e do indivíduo, o psicólogo russo Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934) também apresenta contribuições a respeito da formação humana, em especial da constituição da personalidade e sua relação com o desenvolvimento histórico da humanidade:

Como um indivíduo só existe como um ser social, como um membro de algum grupo social em cujo contexto ele segue a estrada do desenvolvimento histórico, a composição de sua personalidade e a estrutura de seu comportamento reveste-se de um caráter dependente da evolução social cujos aspectos principais são determinados pelo grupo. Já nas sociedades primitivas, que só há pouco estão dando os seus primeiros passos ao longo da estrada do desenvolvimento histórico, a completa constituição psicológica dos indivíduos pode ser vista como diretamente dependente do desenvolvimento de tecnologia, do grau de desenvolvimento das forças de produção e da estrutura daquele grupo social ao qual o indivíduo pertence. (Vigotski, 2004, p. 2)

Os elementos biológicos não devem ser desconsiderados no processo de desenvolvimento da personalidade. Todavia, uma análise pautada exclusivamente na carga genética incorre em consequências indesejadas, como centralizar todas as explicações desse processo no âmbito do indivíduo, tornando-o único responsável pela sua forma de ser. O processo de formação da personalidade não pode estar apartado das condições objetivas dos indivíduos e tampouco das relações sociais de produção, não podendo ser explicado a partir de uma concepção idealista e biologizante:

[...] a personalidade de cada indivíduo não é produzida por ele isoladamente, mas, sim, resultado da atividade social e, em certo sentido, não depende da vontade dos indivíduos tomados em separado, mas da trama de relações que se estabelecem entre eles. Entendemos que a formação do ser humano representa um processo que sintetiza o conjunto de fenômenos produzidos pela história humana, de tal forma que a construção do indivíduo se situa no cerne de uma construção mais ampla: a da humanidade. Neste sentido, a personalidade põe-se como atributo do indivíduo, ou expressão máxima da individualidade humana, de tal forma que a compreensão materialista da personalidade demanda uma compreensão materialista da individualidade. (Martins, 2004, p. 85)

Ao discutir o conceito de personalidade, Kehl não leva consideração que a organização social capitalista interfere na constituição do homem. Portanto, fundamenta-se em explicações biologicistas e de natureza ideológica para explicar a constituição do sujeito. Tais considerações constroem uma concepção de homem cuja natureza parece ser imutável, o que, por sua vez, favorece as relações burguesas de produção e faz com que as consequências dessas relações para o desenvolvimento dos homens permaneçam naturalizadas e inquestionáveis.

*O problema da indigência prende-se fundamentalmente à grave questão da degradação somato-psíquica do homem. Existem mendigos, não por contingência pura e simples de ordem econômica, mas porque subsistem fatores de inferiorização biológica, da qual decorre a inferiorização social. A indigência é consequência sobretudo de debilidade mental. [...] Só os indivíduos que perdem o sentido da dignidade dão-se à rendosa profissão de mendigo. [...] A mendicância ou indigência constitui verdadeira diátese social, própria a linhagens inteiras de degradados.*

(Kehl, 1957, p.155, grifo nosso)

## **HISTÓRIA DA PSICOLOGIA OU PSICOLOGIA NA HISTÓRIA? COMO CONTAR ESTE PERCURSO**

Iniciamos este estudo com inúmeras indagações. Dentre elas, uma questão importante era desvendar a possibilidade de Kehl apresentar uma “nova” forma de fazer psicologia, ou se o autor teria se apropriado dos saberes psicológicos em voga nas primeiras décadas do século XX para legitimar seu discurso sobre a qualidade racial do povo brasileiro e a necessidade de seu melhoramento.

A primeira indagação se deu em razão do caráter objetivo das propostas eugenistas, como por exemplo, um modelo de família, medidas educacionais, medidas de âmbito sócio-político que deveriam ser determinadas, dentre outras, cujas finalidades giravam em torno de soluções para alcançar o melhoramento da população. Isso reforçava nossa indagação de que as discussões de Kehl poderiam estar voltadas à proposta de construção de uma psicologia que contribuísse com o melhoramento do povo. Assim sendo, caberia uma investigação de como seria essa nova psicologia para o autor.

A segunda indagação correlacionava a obra de Kehl e a procedência dos eugenistas. Esses intelectuais procuravam dar legitimidade teórica para seus discursos, projetos e medidas, e, nesse sentido, a psicologia ofertaria algum tipo de contribuição.

Ao longo do trabalho constatamos que Kehl não apresentava uma nova proposta em psicologia, mas se apropriava dos saberes psicológicos para justificar a inferioridade do povo brasileiro e dar legitimidade à necessidade de melhoramento racial.

É preciso considerar que os saberes psicológicos incorporados e que embasaram as explicações do autor fazem referência à uma psicologia reconhecida como científica na época, em geral baseada em estudos cuja repercussão se fez ouvir no Brasil. A psicologia que se desenvolveu na Europa do final do século XIX trouxe consigo resquícios teóricos do campo da filosofia e da fisiologia experimental, fato que pode ser constatado na obra de Kehl ao indicar o aspecto “palavroso e filosófico” da psicologia.

Nesse sentido, no Brasil, a difusão da psicologia baseada nas ciências naturais coloca em destaque, principalmente, os estudiosos alemães que realizavam investigações a partir da análise racional, da observação e da experimentação, e dos ingleses, que não envidaram esforços para consolidação de uma ciência psicológica a partir de um ponto de vista naturalista. Influenciados pelos os estudos de Darwin, os psicólogos ingleses colocavam em debate a compreensão da humanidade a partir de um viés evolucionista. (Heidbreder, 1975).

Apesar de sua influência, as teorias psicológicas oriundas da Europa e entendidas como predominantes nesse período não apresentavam um teor universal. Prestes (2012) nos lembra que, já na primeira década do século XX, Lev Semenovitch Vigotski(1896-1934) versava sobre a psicologia a partir dos pressupostos do materialismo histórico e da crítica ao método científico da psicologia. Isso significa que no início do século XX havia outros pressupostos teóricos em discussão no campo de conhecimento da psicologia, que chegariam posteriormente no Brasil<sup>57</sup>.

Diante desse cenário concluímos que Renato Kehl apresentava uma concepção de homem pautada na perspectiva biologicista, atribuindo às relações sociais um caráter secundário e asseverando que a compreensão do indivíduo se concentrava nas características genéticas que o compunham. Essa concepção reforçava os preceitos da eugenia sobre a importância e necessidade de melhoramento da “raça”. Amparado pela ideia de inferioridade racial do povo brasileiro e da necessidade de seu aperfeiçoamento, Kehl se dedicou ao estudo e produção de conhecimentos que confirmassem tal premissa, tendo alguns preceitos teóricos da psicanálise e da psicologia como fundamento para seus estudos e projetos eugênicos. Esse fato indica a lacuna na trajetória histórica da psicologia no Brasil, mais especificamente na omissão da influência do ideário da higiene mental e da eugenia no desenvolvimento da psicologia e a forma como a psicologia esteve integralizada no campo de discussões da eugenia.

Já na produção referente à história da psicologia no Brasil, notamos que sua expansão não se mostra associada ao ideário da higiene mental e da eugenia. Nesse campo, o que existe é apenas uma menção dos intelectuais adeptos desses ideários, especialmente dos higienistas.

Outro fato relevante nos estudos referentes à história da psicologia é a cisão teórica entre os adeptos da higiene mental e os adeptos da eugenia, esta última comumente observada sob uma perspectiva moralizante e radical. Essa visão da eugenia pode ter resultado na menção aos intelectuais do campo da higiene mental na consolidação dos saberes psicológicos e a pouca notoriedade no campo da eugenia. A partir daí, perde-se de vista que os intelectuais que defendiam os princípios da eugenia também faziam parte do grupo de intelectuais que discutiam sobre higiene mental, gerando uma cisão questionável.

Além dessa questão, acreditamos que a falta de correspondência entre psicologia, eugenia e higiene mental se dá devido à desarticulação entre a expansão dessas ideias e as condições materiais do país no início do século XX. Se entendermos que a difusão dos saberes

---

<sup>57</sup> De acordo com Mainardes & Pino (2000), a recepção das ideias de Vigotski no Brasil ocorreu a partir da década de 70 do século XX.

psicológicos no Brasil ocorreu atrelada à necessidade de organização de uma ciência que pudesse contribuir com a consolidação e expansão capitalista no país, e que nesse mesmo sentido a eugenia e a higiene mental ofereciam justificativas sobre o suposto atraso dessa expansão, possivelmente a articulação entre psicologia e esses ideários seria discutida com maior frequência. Embora essa seja uma possibilidade, tal correlação não estaria garantida, visto que os aspectos ideológicos operam com muita vivacidade no estudo e compreensão das raízes históricas da psicologia, o que resulta na sua romantização como ciência e profissão.

Nossa convicção de que o caminho da história nos permite compreender a real necessidade da consolidação e expansão da psicologia nos fez apresentar o contexto histórico do Brasil durante as primeiras décadas do século XX. Para nós, tal intento representa a possibilidade de contar a história da psicologia para além da menção de personagens e dados históricos que marcam a trajetória dessa ciência. Por conta disso, assinalamos que nosso estudo não esteve centrado de maneira isolada na perspectiva de Renato Kehl, personificada como se suas proposições fossem idealistas. Ao invés disso, entendemos que suas discussões não devem ser dissociadas do contexto histórico da época. Segundo Marx (2011), podemos entender o todo tendo em vista as formas de pensamentos, da representação e das apropriações que o sujeito faz do mundo. Por essa razão, tanto o sujeito como a sociedade precisam ser compreendidos como pressupostos dessa representação.

Por meio de um estudo da produção intelectual dos apoiadores e divulgadores da eugenia no Brasil foi possível investigarmos as formas de articulação e de apropriação dos saberes psicológicos em voga na época. Acreditamos que esse caminho seja uma das formas de sermos críticos com a nossa formação e com nossas práticas atuais, nos colocando contrários a análises multifacetadas, que perdem de vista as múltiplas determinações do processo de formação humana, escamoteiam questões de natureza histórica que estão correlacionadas a uma sociedade estruturada na exploração do homem pelo homem, e, conseqüentemente, afetam a constituição do sujeito.

Por fim, as proposições de Renato Kehl sobre a personalidade nos lembram a atualidade da crítica de Karl Marx (1818-1883) a Ludwig Feuerbach (1804-1872) sobre a essência humana:

Não nos dá nenhuma crítica das condições de vida atuais. Não consegue nunca, portanto, conceber o mundo sensível como a *atividade* sensível, viva e conjunta dos indivíduos que os constituem, e por isso é obrigado, quando vê, por exemplo, em vez de homens sadios um bando de coitados, escrofulosos, depauperados e tísicos, a buscar refúgio numa “concepção superior” e na ideal [...] (Marx, 2007, p. 32)

## REFERÊNCIAS

- Alberti, S. (1999). História da psicologia no Brasil – origens nacionais. In: Jacó, V.A.M. & Jabur, H.B.C.R. (Orgs.), *Clio-psyché: histórias da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Nape.
- Antunes, M.A.M. (2006). A consolidação da psicologia no Brasil (1930-1962): sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. *Psicologia da Educação: São Paulo*, 22(1), pp. 79-94.
- Antunes, M.A.M. (2004). *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Antunes, M.A.M. (2004b). A psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissional. In: Massimi, M. & Guedes, M.C. do (Orgs.) *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Cortez.
- Aristóteles (2001). *Política*. (6a ed.). Martin Claret: São Paulo.
- Arquivos Brasileiros de Higiene Mental. *Atas e Trabalhos da Liga Brasileira de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, I-1-1925. Recuperado a partir de <http://old.ppi.uem.br/gephe/index.php/arquivos-digitalizados> .
- Arquivos Paulistas de Higiene Mental. São Paulo, I-1-1928. Recuperado a partir de <http://old.ppi.uem.br/gephe/index.php/arquivos-digitalizados> .
- Balaguer, G. (2005). *O açúcar da psicanálise. Franco da Rocha, psiquiatria e recepção das ideias psicanalíticas*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Paulo.
- Barreiro, A.L. (2015). *Pedagogia dos desejos: eugenia, psicanálise e sexualidade infantil brasileira*. São Paulo: Léxia.
- Bock, A.M. B. (2011). A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia. In: Bock, A. M. B, Gonçalves, M. G. M., Furtado, O. (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica (uma perspectiva crítica em psicologia)*. São Paulo: Cortez.
- Bolonheis-Ramos, R.C.M & Boarini, M.L. (2015, dezembro). Comunidades terapêuticas: “novas” perspectivas e propostas higienistas. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde – *Manguinhos*, 22 (4), pp. 1231-1248. Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n4/0104-5970-hcsm-22-4-1231.pdf>

- Bomtempo, T. V. (2016). Doping genético e *eugenia*: diálogos além do esporte. *Revista Latino Americana de Bioética*, 16, pp. 82-101.
- Borges, R.F. (2011). A pedagogia médico-higiênica de Manoel Bomfim: um olhar sobre a criança nas primeiras décadas do século XX. In: Boarini, M.L. (Org.) *Raça, higiene social e nação forte: mitos de uma época*. Maringá: EDUEM, pp. 175-207.
- Borges, R.F. & Boarini, M.L. (2014). La clínica de higiene mental infantil en Brasil. La psicología como recurso. *Universitas Psychologica*, 13(5), 1697-1708. Recuperado a partir de <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.upsy13-5.lchm>.
- Caldas, M. (1929). Em nossas campanhas. In: *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, II-2. Recuperado a partir de <http://old.ppi.uem.br/gephe/index.php/arquivos-digitalizados>.
- Carvalho, L.D. (2016). Fundo Renato Kehl: A trajetória intelectual do eugenista brasileiro. In: Azevedo, M.S. (Org.). *Anais do 8º Encontro do CEDAP: Acervos de intelectuais: desafios e perspectivas*. Assis: Unesp.
- Chagas, E.F. (2012). O indivíduo na teoria de Marx. *Revista Dialectus*, 1(1), pp. 1-16. Recuperado a partir de <http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/RevistaDialectus/article/view/40/43>.
- Charlot, M. & Marx, R. (1993). *Londres, 1851-1901 la era victoriana o el triunfo de las desigualdades*. Madrid: Alianza.
- Constituição (1934). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado.
- Domingues, O. (1942). *Eugenia: seus propósitos, suas bases, seus meios (Em cinco lições)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Engelmann, A. (2004). Introdução. In: Antunes, M.A.M (Ed.). *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Engels, F. (2008). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo.
- Faggion, M.O. (2014). *A eugenia na atualidade*. (Projeto de pesquisa). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Faggion, M.O. (2013). *A eugenia no Brasil e a influência ibérica*. (Projeto de pesquisa). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Faggion, M.O. & Boarini, M.L. (2015). Planejamento Familiar: um estudo do seu caráter educativo e eugênico. In: *Coleção práticas sociais, políticas públicas e direitos humanos*. Abrapso: Florianópolis, IV, pp. 197-214. Recuperado a partir de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133720>.

- Feitosa, J.B. & Boarini, M.L. (2014). Defesa da internação socioeducativa: aspectos do ideário higienista. Ribeirão Preto: *Paideia*, 24 (57), pp. 125-133. Recuperado a partir de [http://www.scielo.br/scielo, php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2014000100125](http://www.scielo.br/scielo, php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2014000100125).
- Figueira, F. & Boarini, M.L. (2014, julho). Psicologia e higiene mental en Brasil: la historia por contar. *Universitas Psychologica*, 13(5), pp. 1801-1814 Recuperado a partir de <http://revistas.javeriana.edu.co/index, php/revPsycho/article/view/7141>.
- Galeano, E. (2017). O livro dos abraços. A função da arte/1, Porto Alegre: L&PM.
- Galton, F. (1883). *Inquiries into human faculty and its development*. London: Macmillan.
- Granziera, R. G. (1997). O Brasil depois da Grande Guerra. In: Lorenzo, H. C. de. & Costa, W. P. da. (Orgs), *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. (pp. 135-143). São Paulo: UNESP.
- Hall, C.S. & Lindzey, G. (1973). *As teorias da personalidade*. (9a ed.) São Paulo: EPU/EDUSP.
- Heidbreder, E. (1975). *Psicologias do século xx*. (3a ed.). São Paulo: Mestre Jou.
- Herf, J. (1993). *O modernismo reacionário. Tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich*. Campinas: Unicamp.
- Huertas, L. (1929). Os fundamentos científicos da eugenia. *Boletim da Eugenia*, (8), ano I. Recuperado a partir de <http://old.ppi.uem.br/gephe/index.php/arquivos-digitalizados>.
- IBGE. (2016). Anuário Estatístico do Brasil. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Brasília-DF. v.36.
- Kehl, R. (1957). *Psicologia da Personalidade (Guia de orientação psicológica)*. (7a ed.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Kehl, R. (1935). *Lições de eugenia*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Kehl, R. (1929). *Boletim da Eugenia*, (4), ano I.
- Kehl, R. (1927). *Tipos Vulgares (contribuição à Psicologia prática)*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Kehl, R. (1922). *Melhoremos e prolonguemos a vida: A valorização Eugénica do Homem*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Lahuerta, M. (1997). Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: Lorenzo, H. C. de. & Costa, W. P. da. (Orgs), *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*.(pp.93-115). São Paulo: UNESP.
- Lei nº 9.263 de 12 de janeiro de 1996. (1996, 12 janeiro). Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.

- Lemos, A.C. de. (2014). *Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.
- Mainardes, J. & Pino, A. (2000). Publicações brasileiras na perspectiva vigotskiana. *Educação e Sociedade*, 21 (71), pp. 255-269. Recuperado a partir de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200012).
- Mancebo, D. (1997). Da Psicologia Aplicada à institucionalização universitária: a regulamentação da Psicologia enquanto profissão. *Cadernos do IPUB: Noção de Pessoa e Institucionalização dos Saberes Psicológicos no Brasil*, n.8, pp. 161-177. Rio de Janeiro.
- Martins, L.M. (2004). A natureza histórico-social da personalidade. Campinas: *Caderno Cedes*, (24) 62, pp. 82-99.
- Martins, M.V. (1940). A eugenia. In: Martins, M.V. *A família, o divórcio e a Eugenia*, pp. 131-143. Rio de Janeiro: Vozes.
- Marx, K. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- Marx, K. & Engels, F. (1932). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007. (Publicado originalmente em 1932).
- Masiero, A.L. (2005). A psicologia racial no Brasil. Natal: *Estudos de Psicologia*. 10. 199-206.
- Masiero, A.L. (2014). A psicopatologia na obra de Renato Ferraz Kehl. *Revista Interinstitucional de Psicologia*. 7(2). 164-178.
- Massimi, M. (2004). A abordagem Aristotélica-Tomista na psicologia brasileira do século XX. In: Massimi, M. *História da Psicologia no Brasil do século XX*. São Paulo: EPU. pp.15-34.
- Moraes, J. Q. de. (1997). O positivismo nos anos 20, entre a ordem e o progresso. In: Lorenzo, H. C. de. & Costa, W. P. da. (Orgs), *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. (pp. 73-93). São Paulo: UNESP.
- Muñoz, P.F.N. de. (2015). *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. (Tese de Doutorado). Fundação Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, Rio de Janeiro.
- Neuhold, R. R. dos. (2013). Positivismo e ensino de sociologia no Brasil: notas sobre as propostas de Benjamin Constant para o Ensino Secundário e as Escolas Normais nos primeiros anos da República. *Saberes em perspectiva: Jequié*. 3(7). pp.13-28. Recuperado a partir de: <http://www.saberesemperspectiva.com.br/index.php/saberesemperspectiva/artic>

- le/view/65/pdf\_24.
- Netto, J.P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. (1a ed.). São Paulo: Expressão Popular.
- Netto, J.P. (2009). Introdução. In: Marx, K. *Miséria da filosofia. Resposta à filosofia da miséria do Sr. Proudhon*. (1a ed.). São Paulo: Expressão Popular.
- Oliveira, C. (2011). Eugenizar a alma: a constituição da euphrenia no projeto de higiene mental voltado à infância da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14.(4), pp. 627-641. Recuperado a partir de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142011000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000400004).
- Peláez, R.A. (2009). Marañón y el pensamiento eugénico español. In: Gómez, A. & Canales, A.F. (Eds.). *Ciencia y Fascismo*. Barcelona: Laertes.
- Peláez, R.A. (1985). *Sir Francis Galton, padre de la eugenesia*. Cuadernos Galileo de Historia de la Ciencia: Madrid.
- Pena, S.D.J. (2008). *Humanidade sem raças?* São Paulo: Publifolha.
- Pereira, A.L. (1999). Eugenia em Portugal? *Separata da Revista de História das Ideias*: Faculdade de Letras Coimbra.
- Pereira, W.P. (2012). O cinema e as Teorias de Limpeza Racial nos Estados Unidos da América, União Soviética e Alemanha Nazista. In: Monteiro, Y. N. & Carneiro, M.L.T. *As doenças e os medos sociais*. São Paulo: Fap-Unifesp.
- Pessotti, I. (1988). Notas para uma história da psicologia brasileira. In: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro*. São Paulo: Edicon.
- Platão. (2005). *A república*. (2a ed.). São Paulo: Martin Claret.
- Porto, J. (1941). Eugenismo e Hereditariedade. *Separata de Semanas Sociais Portuguesa*: Lisboa.
- Prado Jr, C. (2008). *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Prestes, Z. & Tunes, E. (2012). A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. *Estudos de Psicologia: Campinas*, 29 (3), pp. 327-340. Recuperado a partir de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2012000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000300003&lng=pt&nrm=iso).
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Russo, J.A. (2002). A difusão da psicanálise no Brasil na primeira metade do século XX: da vanguarda modernista à rádio novela. Rio de Janeiro: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. v. 2, n. 1, pp. 53-64.

- Schwarcz, L.K.M. & Starling, H.M. (2015). *Brasil: uma biografia*. (8a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwarcz, L.K.M. (2005). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil -1870-1930*. (6a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Serra, L.N. & Scarcelli, I.R. (2012). Escola Pacheco e Silva: propostas para a infância paulista. In: Mota, A. & Marinho, M.G. (Orgs.). *História da Psiquiatria: ciência, práticas e tecnologias de uma especialidade médica*. (1. ed.). São Paulo: USP, Faculdade de Medicina; Universidade do ABC: Casa de Soluções e Editora.
- Silva, P.E. da. (2016). *Um projeto civilizatório e regenerador: reflexões sobre "raça" no projeto da Universidade de São Paulo (1900 -1940)*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Educação, São Paulo.
- Souza, V.S. de. (2016). A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 23, supl. dez., pp. 93-110.
- Souza, V.S. de. (2006). *A Política Biológica como Projeto: a "Eugenia Negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. (Dissertação de Mestrado). FIOCRUZ, Mestrado em História das Ciências da Saúde, Rio de Janeiro.
- Stepan. N.L. (2005). *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Teixeira, P.T.F. (1999). A individualidade na obra marxiana de 1843 a 1848. In: *Ensaio Ad Hominem. Marxismo*. 1 (1). São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem.
- Thomaz, L.C.L. (2012). Marcel Martiny: eugenia e biotipologia na França do século XX. São Paulo: *Circumscribere*. 11 (32). Recuperado a partir de <https://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/9134>.
- Tonet, I. (2016). *Método Científico*. Coletivo Veredas: Maceió.
- Vigotski, L.S. (2004). *A transformação socialista do homem*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>.
- Wanderbroock Junior, D. (2009). *A educação sob medida: Os testes psicológicos e o higienismo no Brasil (1914-45)*. Maringá: Eduem.
- Wegner, R. & Souza, V.S.de. (2012). Eugenia ‘negativa’, psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro. Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/hcsm>.